

ISSN 2674-5844



revista

Educação & Evolução

V.2, N.2 NOVEMBRO (2020)



Educação & Evolução

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Maurício Amormino Júnior, CRB6/2422)

Revista Educação & Evolução, vol. 2, n. 2 / Equipe editorial: Cristina Patricio de Oliveira, Cristiane P. de Oliveira, Viviane Rosa de Oliveira. – São Paulo, SP: Publicação Independente, novembro de 2020.

Mensal.

ISSN 2674-5844

Disponível em: <http://www.revistaeducacaoevoluciao.com.br/>

1. Educação. 2. Políticas educacionais. 3. Prática de ensino.
4. Professores. 5. Formação.

CDD 370.71

Elaborado por **Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422**

EDITORIAL

Em um período inusitado de isolamento social, o Brasil e o mundo estão enfrentando uma pandemia causada pelo Covid-19. A vulnerabilidade a essa doença está fazendo com que os professores e profissionais da Educação se reinventem a cada dia.

Nessa reinvenção, as tecnologias têm sido fundamentais para a o ensino e aprendizagem, a Educação está se revolucionando nessa questão, a utilização de ferramentas tecnológicas nas aulas tem mostrado que os professores são capazes de tudo para tornar as aulas mais dinâmicas e mais agradáveis para seus alunos e, principalmente, sem perder a qualidade no ensino.

A utilização das novas metodologias de ensino só vem reafirmar a importância que o professor tem para as crianças e jovens, principalmente para o enfrentamento das dificuldades que surgem a cada dia para alcançar essa qualidade tão almejada no ensino. Tais dificuldades puderam fazer com que o professor também aprendesse a utilizar novas ferramentas tecnológicas para transpor essas aulas com qualidade.

Diante disso, a Revista Educação & Evolução encerra 2020 apresentando para o seu público de leitores textos exclusivos com novas contribuições de artigos de professores que trazem uma diversidade de temas sobre sua prática, objetos de estudos e referenciais da atualidade, muito relevantes para o campo da Educação Básica.

Assim, a professora Sheila Quaresma da Silva, em um dos seus textos publicados nesta edição, apresenta seu texto “A arte na mediação da aprendizagem no Ensino Fundamental” que investiga a arte como métodos de mediação da aprendizagem torna-se uma ferramenta a mais, mas não apenas como um instrumento capaz de induzir e analisar imagens, mas também refletindo sobre elas, questionando o contexto, apontando diversas possibilidades de criação, além de entender as formas da expressividade artística.

Outra contribuição da autora Sheila Quaresma é “A contribuição dos museus na aprendizagem das crianças no Ensino Fundamental”, que faz uma reflexão sobre as possibilidades de novas práticas pedagógicas a partir de visitas escolares aos museus podendo auxiliar na construção de conhecimentos baseados na arte como suporte da aprendizagem.

Outra contribuição da autora Vivian Correia Falconeris analisa a influência da afetividade no processo de ensino e propor algumas formas de expressão

EQUIPE EDITORIAL

Cristiane P. de Oliveira
Cristina Patrício de Oliveira
Viviane Rosa de Oliveira

REVISÃO E NORMALIZAÇÃO DE TEXTOS

Autores Anônimos
(em pares)

PROGRAMAÇÃO E DIAGRAMAÇÃO

Cristiane Patrícia de
Oliveira

REVISTA EDUCAÇÃO & EVOLUÇÃO

Volume 2 – Número 2
Novembro /2020

Os artigos assinados são responsabilidade única dos seus autores e não apresentam a opinião do Conselho Editorial
É permitida a reprodução total ou parcial dos artigos desta revista, desde que citada a fonte.

www.revistaeducacaoevolucao.com.br

das emoções para produzir sentimentos e emoções que podem afetar esse processo “Concepções de afetividade para Piaget e a contribuição para a aprendizagem”.

O artigo sobre “O ensino da arte no desenvolvimento da aprendizagem do aluno no Ensino Fundamental por meio da arte”, da professora Sheila Quaresma da Silva diz que a arte desenvolve sentimentos, autoestima e capacidade de representar símbolos.

O artigo da professora Cristiane Machado Archangelo “Olhares pedagógicos na concepção de Paulo Freire para a educação de jovens e adultos” encontra fundamento nas teorias do grande educador e filósofo Paulo Freire no que diz respeito à proposta de uma educação para a cidadania.

Nessa edição, a professora Cristiane Machado Archangelo também contribui com o artigo “Os reflexos das políticas públicas no cotidiano educacional” que visa buscar uma educação que forneça garantias e possibilidades reais de crescimento dentro do sistema social, econômico e político em que fazemos parte, a todo e qualquer cidadão, não prevalecendo apenas um belo discurso apregoadado em nossas leis.

A professora Vivian Correia Falconeris em mais um dos seus artigos aqui publicados, reflete sobre “As relações interpessoais no contexto do Ensino Fundamental” em que o professor se torna o principal mediador dessa afetividade em sala de aula propiciando a aprendizagem, pode melhorar o convívio do aluno com o professor, permitindo um relacionamento estabelecido entre a amizade e o respeito, desenvolvendo assim o seu próprio progresso físico, psíquico, espiritual e moral.

“A teoria do conhecimento do desenvolvimento infantil”, também da autora Vivian Correia Falconeris, sistematiza as noções da Epistemologia que fundamenta a ação de conduta de reação total do indivíduo a partir das etapas do desenvolvimento infantil.

Assim, a Revista Educação & Evolução agradece a colaboração e a confiança de todos os envolvidos para torná-la um instrumento que valoriza os profissionais da educação de todo o Brasil refletindo sobre os seus anseios, dúvidas e suas aspirações, colaborando sempre para garantir a qualidade do ensino e da aprendizagem.

Abrços a todos e boa leitura.
Equipe Editorial
Revista Educação & Evolução

EQUIPE EDITORIAL

Cristiane P. de Oliveira
Cristina Patrício de Oliveira
Viviane Rosa de Oliveira

REVISÃO E NORMALIZAÇÃO DE TEXTOS

Autores Anônimos
(em pares)

PROGRAMAÇÃO E DIAGRAMAÇÃO

Cristiane Patrícia de
Oliveira

REVISTA EDUCAÇÃO & EVOLUÇÃO

Volume 2 – Número 2
Novembro /2020

Os artigos assinados são responsabilidade única dos seus autores e não apresentam a opinião do Conselho Editorial. É permitida a reprodução total ou parcial dos artigos desta revista, desde que citada a fonte.

www.revistaeducacaoevoluciao.com.br

SUMÁRIO

- 06** **A ARTE NA MEDIAÇÃO DA APRENDIZAGEM NO ENSINO FUNDAMENTAL**
Sheila Quaresma da Silva
- 13** **A CONTRIBUIÇÃO DOS MUSEUS NA APRENDIZAGEM DAS CRIANÇAS NO ENSINO FUNDAMENTAL**
Sheila Quaresma da Silva
- 19** **CONCEPÇÕES DE AFETIVIDADE PARA PIAGET E A CONTRIBUIÇÃO PARA A APRENDIZAGEM**
Vivian Correia Falconeris
- 26** **O ENSINO DA ARTE NO DESENVOLVIMENTO DA APRENDIZAGEM DO ALUNO NO ENSINO FUNDAMENTAL**
Sheila Quaresma da Silva
- 33** **OLHARES PEDAGÓGICOS NA CONCEPÇÃO DE PAULO FREIRE PARA A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS**
Cristiane Machado Archangelo
- 40** **OS REFLEXOS DAS POLÍTICAS PÚBLICAS NO COTIDIANO EDUCACIONAL**
Cristiane Machado Archangelo
- 46** **RELAÇÕES INTERPESSOAIS NO CONTEXTO DO ENSINO FUNDAMENTAL**
Vivian Correia Falconeris
- 54** **TEORIA DO CONHECIMENTO DO DESENVOLVIMENTO INFANTIL**
Vivian Correia Falconeris

A ARTE NA MEDIAÇÃO DA APRENDIZAGEM NO ENSINO FUNDAMENTAL

DOI: 10.5281/zenodo.8221489

Sheila Quaresma da Silva¹

RESUMO

A temática sobre a arte na mediação da aprendizagem no Ensino Fundamental objetiva investigar a arte como métodos de mediação da aprendizagem como uma ferramenta a mais, mas não apenas como um instrumento capaz de induzir e analisar imagens, mas também refletir sobre elas, questionando o contexto, apontando diversas possibilidades de criação, além de entender as formas da expressividade artística. Para tanto, realiza uma pesquisa a partir de uma metodologia bibliográfica, traçada a partir uma pesquisa aplicada, tendo como fundamentos a reflexão de livros, artigos e revistas, e por base em pesquisas de grandes autores com referência ao tema de forma qualitativa. Sendo assim, conclui-se que mesmo o professor planejando bem suas atividades e determinando os objetivos, as atividades ainda carecem de maior diversidade, não só na pintura e no desenho, mas também no teatro, dança, música e outras atividades, ou seja, em todas as atividades que condizem com o mundo da arte.

Palavras-chave: Arte. Professor. Ensino. Mediação. Aprendizagem.

THE ART IN THE MEDIATION OF LEARNING IN ELEMENTARY SCHOOL

ABSTRACT

The theme of art in the mediation of learning in Elementary School aims to investigate art as an additional tool, but not only as an instrument capable of inducing and analyzing images, but also to reflect on them, questioning the context, pointing out various possibilities of creation, besides understanding the forms of artistic expressiveness. To do so, it carries out a research based on a bibliographic methodology, drawn from an applied research, based on the reflection of books, articles and magazines, and based on research by great authors with reference to the theme in a qualitative way. Thus, it is concluded that even the teacher planning his activities well and determining the objectives, the activities still lack greater diversity, not only in painting and drawing, but also in theater, dance, music and other activities, that is, in all the activities that match the world of art.

Keywords: Art. Teacher. Teaching. Mediation. Learning.

¹ Licenciatura em Artes pela Universidade Cruzeiro do Sul – UNICSUL (2008); Licenciatura em Pedagogia pela Universidade Nove de Julho – UNINOVE (2012); Pós-Graduação em História, Arte e Educação nos Museus Paulistas pela Faculdade Unificada do Estado de São Paulo – FAUESP (2019); Professora de Arte pela Prefeitura Municipal de São Paulo; Professora de Arte pela Prefeitura Municipal de Poá.

INTRODUÇÃO

A arte é uma forma de expressão e a apreciação da arte pode ser cultivada por meio de oportunidades educacionais. Quem entende de arte pode até expandir sua autonomia como cidadão. Uma vez integrado na vida cultural, poderá desfrutar de criações artísticas e estéticas e, neste sentido, a escola tem o papel de garantir a educação inicial da arte para que esta experiência artística não se limite às vivências informais do cotidiano.

A arte precisa ser vista, não apenas como um instrumento no desenvolvimento do sujeito, mas principalmente como um componente fundamental de sua herança cultural, que tem como principal objetivo formar o conhecedor, fruidor e decodificador de uma imagem. Construindo ainda, uma identidade consciente, que é desenvolvida a partir do contato com múltiplas culturas e da aproximação de seus códigos culturais que são estabelecidos por meio do desenvolvimento artístico, da leitura da imagem ou obra de arte e sua história.

É muito importante considerar que no contexto educacional a relação empírica e o aprender se tornam mais fáceis através de experiências do cotidiano do aluno, facilitando o aprendizado que o universo cultural pode proporcionar dentro e fora da sala de aula contribuindo também na formação do aluno como indivíduo participativo.

Para viabilizar uma educação de qualidade no estudo da arte, as escolas precisam garantir o andamento do processo de ensino sob a orientação de professores que se preparem, que têm compromissos e metas para esse trabalho e estão comprometidos com a democratização do saber artístico, para orientar os alunos a fazer e compreender diferentes formas de arte e sua

história cultural. Sendo assim, nos faz refletir sobre como a arte pode colaborar com a mediação do processo de ensino-aprendizagem em alunos do ensino fundamental?

Dessa forma, esse artigo objetiva investigar a arte como métodos de mediação da aprendizagem como uma ferramenta a mais, mas não apenas como um instrumento capaz de induzir e analisar imagens, mas também refletir sobre elas, questionando o contexto, apontando diversas possibilidades de criação, além de entender as formas da expressividade artística.

Para tanto, será realizada uma pesquisa a partir de uma metodologia bibliográfica, traçada a partir uma pesquisa aplicada, tendo como fundamentos a reflexão de livros, artigos e revistas, e por base em pesquisas de grandes autores com referência ao tema de forma qualitativa.

Supõe-se que através do processo de mediação, pode-se compreender a trajetória do artista, autor de determinada obra, e estabelecer a relação entre o ontem e o hoje, dependendo do ponto de vista do artista e do contexto em que o aluno faz parte.

Para tanto, é de extrema importância que crianças e adolescentes estejam constantemente em contato com a arte, primeiramente porque no processo de conhecimento da arte, além da inteligência e do raciocínio, estão envolvidos nesse processo os aspectos afetivo e emocional, elementos que geralmente estão fora do currículo escolar.

CONTEXTUALIZAÇÃO SOBRE O SENTIDO DE ARTE

Por muito tempo, os gregos antigos consideravam a arte como um sonho de buscar a perfeição, eles sonhavam em representar a

¹ Licenciatura em Artes pela Universidade Cruzeiro do Sul – UNICSUL (2008); Licenciatura em Pedagogia pela Universidade Nove de Julho – UNINOVE (2012); Pós-Graduação em História, Arte e Educação nos Museus Paulistas pela Faculdade Unificada do Estado de São Paulo – FAUESP (2019); Professora de Arte pela Prefeitura Municipal de São Paulo; Professora de Arte pela Prefeitura Municipal de Poá.

verdadeira face do mundo. Os gregos trouxeram a arte de volta ao presente, contemplando a natureza e representando-a com precisão, sempre comprometidos com a beleza e o amor racionais.

É difícil encontrar uma resposta porque ela existe há centenas de anos e mudou de maneiras diferentes ao longo do tempo. Embora não haja uma definição específica, muitas pessoas acreditam que a arte é algo que afeta suas emoções, mesmo sendo um tema que vem sendo debatido ao longo da história.

A história da arte é um campo do conhecimento que reflete sobre os estilos artísticos, suas transformações, obras artísticas, artistas e o preço estético das obras criadas. Outras ciências contribuem para essas análises, como arqueologia, história, paleogeografia, filosofia, sociologia, etc.

Canton (2009) usa uma forma poética para dizer que o artista conta a verdade sobre si mesmo por meio de sua experiência, então, por muitos anos, a história é contada através da arte com o apoio de registros. Assim, conforme afirma Canton (2009, p.13), para contar essa história de uma forma poderosa e eficaz, a arte precisa estar cheia de verdade. É necessário contar o espírito de tempo, refletir sobre a visão, pensamentos, sentimentos humanos, tempo e espaço.

Para tanto, a arte transcende a racionalidade e os contatos direta ou indiretamente com as pessoas, fazendo os indivíduos reagirem de maneira diferente. Costa (2004, p.18) estabelece que “[...] a arte não está no objeto artístico, mas no encontro que este objeto promove entre a subjetividade e compartilhamento da emoção poética”. Na concepção do autor, a emoção e a criatividade diante da criação artística são afirmadas. O objeto propriamente dito não possui valor artístico e deve ser envolvido por uma ação subjetiva para tocar as emoções do artista e do observador.

Nesse processo, Read (1983) afirma que:

A arte, por outro lado, é sempre perturbadora, permanentemente revolucionária, é isso porque o artista, na proporção de sua grandeza, enfrenta sempre o desconhecido, e aquilo que ele traz de volta dessa confrontação é uma novidade, um símbolo novo, uma nova visão da vida, a imagem externa das coisas interiores. (READ, 1983, p.27).

Dentre tantas definições, a arte em si não possui uma descrição específica para defini-la com precisão, pois não é uma ciência exata, é cheia de subjetividade e inúmeras interpretações de seu verdadeiro significado.

Na arte, existem muitas formas de expressão que podem expressar plenamente "arte pela arte". A arte em si é suficiente e não requer qualquer outro propósito, seja de significado moral, político ou religioso. (CHILVES 2001, p.180).

No processo de descoberta da arte contemporânea, o estranho fenômeno que ela causa é óbvio, muitas pessoas ainda rejeitam a arte contemporânea porque é desafiadora. Mesmo na arte contemporânea, o próprio público muitas vezes acaba fazendo parte da obra e participa indiretamente.

A arte de hoje é cada vez mais abrangente, seguindo o ponto de vista do artista, saindo de um espaço formal e indo para a rua, quebrando regras e técnicas tradicionais, utilizando diferentes campos de expressão, quase que diretamente no cotidiano das pessoas e, basicamente, por todos os lugares.

A liberdade proporcionada pela arte contemporânea é um fator positivo de expressividade e, nesses aspectos, muitos artistas vêm ganhando cada vez seu lugar e reconhecimento. Servindo de forma a se expressar, e criar o desapego, permitindo que o mundo conheça suas aspirações e inspiração.

As pessoas pensam que a arte é a expressão de refazer a realidade, porque as pessoas veem as coisas de maneiras diferentes e as transformam em

ritmo, linguagem, forma e vários outros elementos.

Nesse caso, Coli (1995) acredita que é fácil e muito simples para qualquer pessoa com conceitos culturais mínimos. Uma vez que o mundo é observado, ele pode ser modificado por meio da arte. Através de sua própria imaginação e criatividade, as crianças podem aprender a compreender o mundo e conectá-lo com o meio ambiente e a si mesmas. Dessa forma, Coli (1995) diz que:

[...] arte, são certas manifestações da atividade humana diante das quais nosso sentimento é admirativo, isto é: nossa cultura possui uma noção que denomina solidamente algumas de suas atividades e as privilegia... se não conseguimos saber o que a arte é, pelo menos sabemos quais coisas correspondem a essa ideia e como devemos nos comportar diante delas. (COLI, 1995, pg. 8).

Diante disso, o autor traduz uma falsa serenidade quando conceitua o que é arte, mesmo havendo uma complexidade da questão. Não adianta que o artista somente se expresse artificialmente, de forma mecânica, mas que demonstre seus sentimentos a necessidade e a vontade de expor suas ideias e dessa forma, mostra-las em sua obra, num ambiente igualmente propício para que seu receptor possa também demonstrar seus sentimentos e assim transcender no contágio com a complexidade do mundo do artista.

O artista se expressa apenas artificial e mecanicamente, mas mostra seus próprios sentimentos, mostra suas necessidades e desejos de pensamento, e dessa forma mostra esses pensamentos no ambiente de trabalho, para que seus receptores também possam mostrar seus sentimentos e assim são transcendidos na difusão da complexidade do mundo do artista.

Dessa forma, as escolas precisam repensar a respeito da presença da arte na vida das crianças e assim, perceberem a necessidade de

compreensão da realidade de diversas discussões que são pertinentes em torno do estudo da arte mostrando as possibilidades de o indivíduo interagir com o mundo em que está inserida.

O UNIVERSO DAS ARTES NA VIDA DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE

A arte é a reflexão da história e a da experiência cultural de uma pessoa, enquanto considera o valor estético de sua beleza, harmonia e equilíbrio. Esse fato é bem fácil de ser compreendido pelo adulto, mas para a criança o surgimento do universo infantil é natural, ela não percebe que expressa tudo o que vivencia na vida, mesmo que tenha apenas uma pequena parte de experiência.

Contudo, os adultos podem entender a arte como um reflexo da história da vida humana e da cultura, considerando seus conceitos estéticos, temas de beleza, harmonia e equilíbrio. As crianças expressam suas experiências naturais de diferentes maneiras na arte, considerando que a arte é parte do universo infantil.

A criança não consegue se expressar pela arte, ela só consegue perceber o mundo e as coisas que estão sendo construídas, portanto, a arte tem muitas funções no crescimento da criança. Ela expressa emoções de suas próprias experiências e interpreta a vida real ao seu redor. Crianças e adolescentes também demonstram seus sentimentos através da arte, por meio do grafite, do desenho, da pintura, do cantarolar, da dança e da invenção de personagens.

De acordo com Prosser (2012, p.7), sobre a interação entre as crianças e o meio, as crianças também percebem que podem agir sobre o meio ambiente e modificá-lo. Desde então, cada vez com um novo nível de experiência, todo o processo recomeça.

Prosser (2012, p.10) também destacou que, na vida de crianças, adolescentes e adultos, a arte

está intimamente relacionada ao processo de compreensão da realidade e à forma de ver e perceber o ambiente em que vive, como compreender e como ajudar a si e aos outros.

Uma vez que a arte tem função essencialmente importante no desenvolvimento intelectual da criança, ela é capaz de facilitar a sua criatividade de forma a deixá-la confortável para expressar seu talento artístico. Isso acontece porque a expressão artística desperta sua imaginação, sua visão em relação ao mundo e também cria métodos para resolver os obstáculos.

No momento em que a criança cria personagens com características inerentes, sua sensibilidade é aplicada e, também, sua técnica de atenção e percepção. Por essa razão, a criança reconhece e respeita as diferenças e as semelhanças vindas dela e de outras crianças. Segundo Prosser (2012, p.19) “Ao buscar os caminhos para representar os seus sentimentos, suas ideias ou impressões, ela mesma estará percorrendo a trilha que vai do imaginar ao realizar”.

Cunha (1999), por sua vez, considera que:

[...] a criança desde bebê mantém contato com as cores visando explorar os sentidos e a curiosidade dos bebês em relação ao mundo físico, tendo em vista que, nesse período, descobrem o mundo através do conhecimento do seu próprio corpo e dos objetos com que eles têm possibilidade de interagir. (CUNHA, 1999, p. 18).

Tendo em vista a compreensão da vida e do mundo, a criança gradativamente domina a realidade inserida e reconstrói seu mundo de conhecimento. De acordo com a pesquisa de Prosser (2012), o universo infantil é repleto de informações, algumas delas maravilhosas e outras reais, mas igualmente relevantes e autênticas internamente. Dessa forma de compreensão, a criança obtém informações e fatos que confirmam sua fantasia e a organiza de acordo com sua nova realidade social e emocional.

Para tanto, a arte pode não apenas realçar o lado emocional das crianças, mas também capacitá-las a exercitar suas expressões, sentimentos e ideias, e colocar sua criatividade em prática. Observando essa classificação relacionada ao ambiente escolar, podemos reconhecer claramente a importância da arte para a interação social das crianças e a forma como os professores podem utilizar esse recurso para avaliar o desenvolvimento geral de crianças e adolescentes.

Com isso, as crianças precisam ter espaço para exercitar sua criatividade e realizar suas ideias criativas e pensamentos aleatórios sobre a obra de arte. Quando uma criança interage com sua própria realidade, ela cria sua própria realidade com base em seu histórico diário e aprende a lidar com a vida real. Portanto, é claro que as formas de expressão como parte da criação e da arte ajudam a integrar as crianças à vida.

A ARTE COMO FONTE DE APRENDIZAGEM

O professor de arte deve enfatizar a referência da arte em sala de aula, cujo objetivo principal é desenvolver o domínio dos procedimentos estéticos como objeto de pesquisa, especialmente para visitar obras de museu com seus alunos.

Os PCN's conceituam o ensino de arte como uma área de conhecimento tão importante quanto outras áreas. Com ênfase na aprendizagem, apontam: objetivos, conteúdo, padrões de avaliação e diretrizes de ensino. Na introdução do documento, revela o que os ensinamentos da disciplina podem sustentar.

Professores de pintura, música, artesanato, coro e artes aplicadas agem de acordo com o conhecimento específico da língua que dominam e percebem que esse conhecimento de repente se torna uma "atividade artística pura".

Nesse contexto, os PCN's estabelecem que:

A educação em Arte propicia o desenvolvimento do pensamento artístico, que caracteriza um modo particular de dar sentido às experiências das pessoas: por meio dele, o aluno amplia a sensibilidade, a percepção, a reflexão e a imaginação. Aprender arte envolve, basicamente, fazer trabalhos artísticos, apreciar e refletir sobre eles. Envolve, também, conhecer, apreciar e refletir sobre as formas da natureza e sobre as produções artísticas individuais e coletivas de distintas culturas e épocas. (BRASIL, 1997, p.15).

Por outro lado, segundo Martins (1998, p.41), até agora os professores especializados na área da arte começam a ter dificuldade em absorver as diversas competências artísticas em sala de aula.

Os PCN's precisam contribuir com os professores na prática docente, pois esta é sua referência para o planejamento. Neste campo do conhecimento, embora seja recomendável educar as artes com ênfase na valorização, na geração e em práticas contextualizadas para garantir um ensino de qualidade, esta não é uma instrução metodológica.

A disciplina de arte é uma área do conhecimento, por isso é necessária a formação de professores para um ensino de qualidade. Os Parâmetros Curriculares Nacionais de Arte confirmam esta necessidade:

O ensino de Arte é área de conhecimento com conteúdo específicos e deve ser consolidado como parte constitutiva dos currículos escolares, requerendo, portanto, capacitação dos professores para orientar a formação do aluno. (BRASIL, 1997, p.37)

Para defender a forma cultural que fortalece o papel de mediação do professor, seus métodos devem ser aproximados com a arte. Ao participar de sua vida, a arte permite que os

educadores estabeleçam uma prática de ensino na qual o conhecimento, a imaginação e a expressão podem ser combinados dinamicamente, beneficiando assim o desempenho dos alunos, o desenvolvimento da imaginação, as habilidades e a criatividade, desenvolvendo também o exercício de consciência crítica e melhor absorção do conteúdo da aula.

Dessa forma, os alunos têm acesso e contato com as diversas formas de produção e expressões artísticas que vivenciaram, o que auxilia no processo de aprendizagem a partir de um ensino estruturado em diferentes linguagens artísticas.

A partir disso, é muito importante que, em suas ações docentes, os professores determinem o caminho e as estratégias que levam ao processo de expressão dos alunos, tornando-se, assim, tema de sua história e realidade social.

CONCLUSÃO

Neste estudo, pudemos concluir que a arte na educação pode ajudar o aluno na medida em que não há necessidade de competição, de recompensa ou mesmo de ter um produto final em vista. Ela pode contribuir para o desenvolvimento de habilidades e capacidades, sendo, assim, um canal de exteriorização de emoções, e pode significar um ganho e enriquecimento da própria vida, e dessa forma facilitar o aprendizado.

Desse modo, as pessoas percebem que a contextualização do ensino de arte é essencial para os alunos, pois, ao perceberem a existência de determinado conteúdo em seu cotidiano, devem aprender a dar importância à disciplina de Arte no contexto escolar.

Contudo, para cooperar com as disciplinas de Arte, os professores devem ter conhecimentos e planos e ter objetivos, conteúdo e métodos claros para referência dos alunos. Vale destacar que, mesmo o professor planejando bem suas

atividades e determinando os objetivos, as atividades ainda carecem de maior diversidade, não só na pintura e no desenho, mas também no teatro, dança, música e outras atividades, ou seja, em todas as atividades que condizem com o mundo da arte.

Para que o ensino de Arte conste da grade curricular, além do ensino obrigatório e promissor e de grande relevância prática, o sistema de ensino deve realizar ações específicas de formação continuada de professores de Arte.

Portanto, por meio desta pesquisa, é possível verificar que o assunto ainda precisa ser

alterado no ambiente escolar para ganhar maior relevância nas demais disciplinas. Essas mudanças incluem o treinamento de professores, o uso de materiais e espaços escolares e a exploração de vários tipos de demonstrações de arte dos alunos, para que eles entendam como a arte permeia a vida diária.

Por fim, consideramos que, além do papel do professor no processo, também apontou o pensamento sobre o tema e as mudanças necessárias ao ensino da arte. As reflexões realizadas permitem-nos sublinhar a importância da cooperação com a arte na escola.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais de Arte**. Brasília: MEC/SEF, 1997.

CANTON, Katia. **Do moderno ao contemporâneo**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009.

CHILVES, Ian. **Dicionário Oxford de Arte**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

COLI, Jorge. **O que é Arte**. 15a ed., Editora Brasiliense. São Paulo – SP, 1995.

COSTA, Cristina. **Questões de arte: Belo, a percepção estética e o fazer artístico**. São Paulo: Moderna, 2004.

CUNHA, Suzana Rangel Vieira. **Cor, som e movimento: a expressão plástica, musical e dramática no cotidiano da criança**. Porto Alegre: Mediação, 1999.

MARTINS, M. C.; PICOSQUE, G. GUERRA, M.T.T. **Didática do ensino da Arte**. São Paulo: Editora FTD, 1998.

PROSSER, Elisabeth Seraphim. **Ensino de artes**. 1ª Edição Revisada. Curitiba, PR: IESDE Brasil, 2012.

READ, Helbert. **Arte alienação – O papel dos artistas na sociedade**. Rio de Janeiro: Zahar editores AS, 1983.

A CONTRIBUIÇÃO DOS MUSEUS NA APRENDIZAGEM DAS CRIANÇAS NO ENSINO FUNDAMENTAL

DOI: 10.5281/zenodo.8221523

Sheila Quaresma da Silva¹

RESUMO

Este artigo objetiva refletir sobre as possibilidades de novas práticas pedagógicas a partir de visitas escolares aos museus podendo auxiliar na construção de conhecimentos baseados na arte como suporte da aprendizagem. Para tanto, a temática sobre a contribuição dos museus na aprendizagem das crianças no Ensino Fundamental nos leva ao seguinte questionamento: Como o estudo em museus auxiliam no ensino da arte para as crianças do Ensino Fundamental? Para responder a essa questão, esse artigo traz uma metodologia bibliográfica, traçada a partir de pesquisa aplicada, fundamentada na reflexão da leitura de livros, artigos e revistas, tendo por base também a pesquisa de grandes autores referente ao tema de forma qualitativa. Diante disso, conclui-se que é de extrema importância que crianças e adolescentes estejam constantemente em contato com a arte e, conseqüentemente, em contato com os museus de seu bairro e de sua cidade, porque, no processo de conhecimento da arte, além da inteligência e do raciocínio, estão envolvidos nesse processo os aspectos afetivo e emocional, elementos que geralmente estão fora do currículo escolar.

Palavras-chave: Arte. Museus. Aprendizagem. Cultura.

THE CONTRIBUTION OF MUSEUMS TO CHILDREN'S LEARNING IN ELEMENTARY SCHOOL

ABSTRACT

This article aims to reflect on the possibilities of new pedagogical practices from school visits to museums that can help in the construction of knowledge based on art as a support for learning. For this, the theme about the contribution of museums in the learning of children in elementary school leads us to the following question: How does the study in museums help in the teaching of art for children in elementary school? To answer this question, this article brings a bibliographic methodology, drawn from applied research, based on the reflection of reading books, articles and magazines, also based on the research of great authors regarding the theme in a qualitative way. In view of this, it is concluded that it is extremely important that children and adolescents are constantly in contact with art and, consequently, in contact with the museums of their neighborhood and city, because, in the process of knowledge of art, besides intelligence and reasoning, the affective and emotional aspects are involved in this process, elements that are usually outside the school curriculum.

Keywords: Art. Museums. Learning. Culture.

¹ Licenciatura em Artes pela Universidade Cruzeiro do Sul – UNICSUL (2008); Licenciatura em Pedagogia pela Universidade Nove de Julho – UNINOVE (2012); Pós-Graduação em História, Arte e Educação nos Museus Paulistas pela Faculdade Unificada do Estado de São Paulo – FAUESP (2019); Professora de Arte pela Prefeitura Municipal de São Paulo; Professora de Arte pela Prefeitura Municipal de Poá.

INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas, assistimos a mudanças profundas na relação entre museus de arte e centros culturais em parceria com escolas. Os planejamentos passaram a incluir as visitas aos museus com acervos permanentes ou mesmo temporários. Reconhecendo a importância do ensino de Arte no Ensino Fundamental, a escolha do tema sobre a contribuição dos museus na aprendizagem parte da ideia de refletir sobre como as escolas apresentam o estudo da arte para as crianças e adolescentes de forma que possa mostrar uma realidade completamente diferente da realidade do seu dia-a-dia.

É muito importante considerar que no contexto educacional a relação empírica e o aprender se tornam mais fáceis através de experiências do cotidiano do aluno, facilitando o aprendizado que o universo cultural pode proporcionar dentro e fora da sala de aula contribuindo também na formação do aluno como indivíduo participativo.

Nesse processo, a importância desse estudo se justifica pela necessidade de saber que a arte está ligada ao processo educativo, havendo a possibilidade de trabalhar a arte através de visitas a acervos de museus de arte e história, onde a criança possa conhecer a história de sua cidade, de seu bairro, de sua escola, de sua comunidade podendo resgatar seus valores, identidades e cultura.

Partindo do contexto de que, na maioria das vezes a parceria das escolas com os programas educativos desenvolvidos pelos museus se resume a atividades eventuais no suporte necessário para a construção de uma nova prática pedagógica, este estudo propõe saber como o estudo em museus auxiliam no ensino da arte para as crianças do Ensino Fundamental.

Sendo assim, o objetivo desse artigo busca refletir sobre as possibilidades de novas práticas pedagógicas a partir de visitas escolares aos

museus podendo auxiliar na construção de conhecimentos baseados na arte como suporte da aprendizagem.

Para tanto, esse trabalho utiliza a metodologia bibliográfica, traçada a partir uma pesquisa aplicada, fundamentada na reflexão da leitura de livros, artigos e revistas, tendo por base também a pesquisa de grandes autores referente a este tema de forma qualitativa.

Os resultados do processo de ensino que ocorre nesses espaços podem ser percebidos na criatividade e no contato das crianças com a cultura, bem como na valorização do conhecimento e na valorização da arte.

CONTEXTUALIZAÇÃO SOBRE OS MUSEUS

O reconhecimento da importância da diversidade cultural leva à necessidade de adotar uma abordagem transcultural, que envolve educar as crianças a viverem juntas e a respeitarem as diferenças e desigualdades.

Os museus promovem cursos sobre a história da arte, além de contar com exposições de várias manifestações linguísticas da arte, promovendo vários artistas brasileiros e também do mundo. Os museus são o centro de difusão da arte e da cultura, e também era uma lugar de trocas de experiências e ideias intelectuais para estudantes e artista.

Atualmente, os museus modernos se referem a lugares onde os indivíduos podem ter acesso à arte e à cultura, também são considerados lugares indenitários. É um lugar frequentado pela elite na sua maioria, no entanto, começa a existir também como um local de representação dos grupos excluídos socialmente. Também reconhecido como lugar de possíveis transformações sociais para as pessoas terem o ingresso à cultura e à educação.

Meneses (1992) nos diz que um museu determina mais por sua visão de pesquisa do que pelo seu acervo, nesse contexto ele afirma que:

[...] concebe-se correntemente o museu histórico como aquele que opera com objetos históricos. Se, contudo, é a dimensão do conhecimento que sobe à tona, é preciso retificar e dizer, como vimos, que o museu histórico deve operar com problemas históricos, isto é, problemas que dizem respeito à dinâmica na vida das sociedades (MENESES, 1992, p. 20).

Geralmente, os museus possuem importantíssima função social incentivando a evolução da sociedade através de estreitada relação pedagógica, os museus não são mais os lugares onde se valoriza apenas a beleza, passou a se tornar um lugar de responsabilidade com a população educacional de caráter ativo de influência para o público estudantil.

Os museus são locais onde se pode promover ações de estímulo à cidadania, por exemplo, à leitura de objetos e sua ressignificação, criando um vínculo de integração com o patrimônio e promovendo o surgimento de sujeitos mais ativos no que diz respeito ao conhecimento da realidade passada ou atual de um ou mais grupos sociais. Para Barbosa (1998):

Os museus são lugares para a educação concreta sobre a herança cultural que deveria pertencer a todos, não somente a uma classe econômica e social privilegiada. Os museus são lugares ideais para o contato com padrões de avaliação da arte através da sua história, que prepara um consumidor de arte crítico não só para a arte de ontem e de hoje, mas também para as manifestações artísticas do futuro. (BARBOSA, 1998, p.19).

Os museus são espaços existentes para um público de todas as camadas sociais poderem usufruir com o propósito de apreciação da arte de todos os tempos e em prol da história com experiências de todos os campos de aquisição do

conhecimento, como: pintura, escultura, gravura, desenho, dentre vários outros campos. Com isso, parte da História da Arte apresentada nos acervos dos museus paulistas inspira parte do público escolar e em geral, a buscar novos métodos de pesquisas e/ou de visitas a outros diversos acervos artísticos.

MUSEUS PAULISTAS

Há muitos anos, houve o favorecimento da cultura de forma ampla no país, particularmente na cidade de São Paulo, onde o desenvolvimento das indústrias foi mais intenso em relação aos demais estados do país.

De acordo com Milani (2008, p.54), a capital paulista avançou em sua extraordinária trajetória de crescimento populacional. Atraiu inúmeras indústrias e concentrou elites expressivas e poderosas, e gradualmente abandonou sua imagem de cidade provinciana.

Nessa mesma época, aconteceu a Semana de Arte Moderna de 1922 que foi considerado o maior evento cultural e artístico de maior importância da cidade. Esse evento cultural e artístico proporcionou espaços de indicativos para muitos artistas modernistas em suas dependências. Segundo Cannabrava Filho (2004):

A cidade contava com uma casa de ópera de prestígio e com uma grande quantia de cine-teatros, de programação bastante diversificada, mas havia um único museu voltado à arte, a Pinacoteca do Estado, dedicada quase exclusivamente à arte acadêmica. A Escola de Belas Artes seguia a mesma orientação e eram poucas as galerias comerciais abertas às tendências modernas. (CANNABRAVA FILHO, 2004, p. 143-144).

A cidade e o Estado de São Paulo possuem vários museus considerados como patrimônios históricos do Estado pela sua relevância histórica, cultural, arquitetônica, ambiental e afetiva, com

sua conservação voltada para manter o benefício da população em geral.

Dentre os vários museus existentes em São Paulo, estão: a Casa das Rosas, o Memorial da Resistência, o Catavento, a Pinacoteca, o Liceu de Artes e Ofícios de São Paulo (Laosp), Museu da Imigração, Museu do Café, Museu da Casa de Portinari, Oficinas de Cultura Casa Mário de Andrade e Oswald de Andrade, o acervo do Museu de Arte Sacra, o Museu Paulista, o MASP, além de vários pontos da cidade que trazem muito conteúdo da história como a Igreja da Praça da Sé, o Pátio do Colégio, a Estação da Luz, dentre vários outros.

Através dos museus paulistas é possível conhecer muito sobre a história do Brasil, de São Paulo e do mundo, uma vez que é palco de grandes monumentos, apresentados em modernos prédios de arquitetura arrojada ou em lugares históricos, cuidadosamente conservados que traz uma bela e agradável viagem pela Colônia, Império e República, onde é possível acompanhar o Velho e o Novo, além de conhecer os trabalhos de grandes artistas como: Portinari, Tarsila do Amaral, Rodin, Miró, Brecheret, Di Cavalcanti, além de bibliotecas, espaços culturais, documentos, manuscritos, móveis, roupas, fotos, vídeos, música, cinema e artes gráficas.

O MASP, por sua vez, passou a adquirir muitas obras importantes, beneficiando nobres eventos em prol da cultura. O museu se tornou um difusor e provedor da cultura e com isso passou a ser considerado um ícone paulistano devido a sua maravilhosa arquitetura, que foi construída especificamente para esse fim, numa construção que durou dez anos e foi inaugurado em 8 de novembro de 1968 na avenida Paulista, em São Paulo.

De acordo com o Governo do Estado de São Paulo há vários museus na cidade onde as escolas podem levar as crianças à visita para conhecimento de seu acervo e assim obter um

conhecimento cultural e social através da arte e da história.

Contudo, é fundamental que o museu atraia o público para se aproximar para que quem não está habituado a visitar possa fazer o mesmo. Neste momento, o comportamento educativo deve ser apresentado de uma forma descontraída e interessante, para que os alunos lá saibam que se trata de um local cultural, mas também muito interessante. A educação vista e vivenciada no patrimônio cultural traz uma das experiências mais agradáveis para crianças e para os adultos.

O AUXÍLIO DOS MUSEUS NO DESENVOLVIMENTO DA APRENDIZAGEM DA CRIANÇA E ADOLESCENTE

Os museus são lugares de memória e favorecem o engajamento da educação com a cultura. Os museus são espaços de grande contribuição histórica e propicia discussões diferenciadas entre professores e alunos, além de diversificar as fontes de aprendizagem, pois se relacionam com diversos atores, como especialistas, colecionadores, moradores, enfim, pessoas e obras que tenham a dizer a respeito de determinada cultura ou período histórico.

Essas especificidades também transformam os museus em espaços de pesquisa e de cidadania. Assim, de acordo com Abud (2010):

[...] visitar museus é um exercício de cidadania, pois possibilita o contato com temas relativos a natureza, sociedade, política, artes, religião. Leva a conhecer espaços e tempos, próximos e distantes, estranhos e familiares, e a refletir sobre eles; aguça a percepção por meio da linguagem dos objetos e da iconografia, desafia o pensamento histórico com base na visualização das mudanças históricas, permitindo repensar o cotidiano. (Abud, 2010, p. 136).

A educação com a parceria dos museus eleva uma aprendizagem que ultrapassa os muros

escolares e convive com a cidade em seus diversos aspectos. A ideia concorda com o estudo de educação global que antecipa a concepção do conhecimento a partir da inclusão da escola com vários departamentos públicos, como ONGs e instituições de outras naturezas, que instigam o interesse dos alunos com as atividades extracurriculares.

Os museus ultrapassam áreas de conhecimentos e épocas, desenvolvendo para o pedagógico, ‘um lugar transdisciplinar de valiosa vivência e gerador de conhecimentos’, conseqüentemente, uma excelente metodologia para a contribuição do desenvolvimento cultural de uma pessoa para um cidadão pleno. E como personagem que media a formação de cidadão que é o professor, torna-se essencial para a sua formação cultural a vivência em museu, para o seu saber particular e para melhor desempenhar sua prática escolar.

Nesse contexto, Lopes (2008) esclarece que a prática de visitas contínuas e programadas aos museus podem favorecer a descontextualização das aulas do seu espaço físico habitual contribuindo para a potencialização da intencionalidade pedagógica e diversificação do uso de recursos através de uma recontextualização no novo ambiente de construção do saber.

A aplicação, na escola, de práticas pedagógicas multidisciplinares é uma condição para o desenvolvimento da educação patrimonial: a temática do patrimônio cultural, assim como a temática ambiental, demanda um tratamento transversal, que participe das instâncias formais e informais da educação escolar que flua entre o cotidiano da sala de aula e as atividades extraclasse, prevendo inclusive a visita aos bens culturais, por meio de passeios exercitando-se a faculdade cognitiva do olhar, como sentimento humano de fruição e inteligência do patrimônio (CERQUEIRA et al., 2011, p. 23).

Deste modo o aluno será preparado desde cedo para se deparar com a arte cultural, saber

interpretá-la e, sobretudo, saber se comportar nestes ambientes. A sociabilização dos discentes em espaços que vão além do espaço físico da sala de aula é um aspecto relevante que contribui sobre os aspectos éticos e políticos do cidadão em formação.

Considerando o potencial educativo, abrangência e repertório cultural do museu, busca-se romper qualquer distância que possa existir entre o que é exposto e o cotidiano dos alunos, estimulando o imaginário e fortalecendo o conhecimento através de experiências vividas por outros indivíduos em diversas épocas passadas.

Sendo assim, a função do sistema educativo em levar para o conhecimento dos alunos, a cultura do passado ou do presente, seja ela local, regional, nacional ou global é bastante válida, visto que os alunos podem ter subsídios e parâmetros para compreensão de sua própria vida. Através da observação do que exposto nos museus os alunos são capazes de valorizar cada objeto e o que ele representa, passando desta forma elaborar o conceito de valorização cultural em sua mente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo procurou posicionar-se de forma a reconhecer a importância fundamental dos espaços culturais incluindo escolas e museus na formação da arte e da cultura de crianças e profissionais envolvidos em diferentes situações, confirmando assim que as escolas devem desenvolver a cidadania e a democracia, além da forma cultural de todos os cidadãos servem de base.

Constatou-se que a escola precisa propor metas para utilizar-se das informações e conhecimentos adquiridos nas visitas aos museus, de forma que contemple o ensino de arte e história, resgatando as próprias memórias da comunidade escolar para esse fim, trazendo assim a construção do conhecimento e da aquisição da aprendizagem para o seu dia a dia na escola e na vida.

Portanto, é de extrema importância que crianças e adolescentes estejam constantemente em contato com a arte e, consequentemente, em contato com os museus de seu bairro e de sua cidade, porque, no processo de conhecimento da arte, além da inteligência e do raciocínio, estão envolvidos nesse processo os aspectos afetivo e

emocional, elementos que geralmente estão fora do currículo escolar.

Finalizando, espera-se que os temas discutidos possam mobilizar reflexão, discussão e pesquisa, contribuindo também para o fortalecimento e democratização da educação escolar no campo da arte.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABUD, Katia Maria. **Ensino de História**. São Paulo: Cengage Learning, 2010.

BARBOSA, Ana Mae. **Tópicos Utópicos**. Belo Horizonte: C/Arte, 1998.

CANNABRAVA FILHO, P. **Adhemar de Barros: trajetória e realizações**. São Paulo: Terceiro Nome, 2004. 143-144 p.

CERQUEIRA, F. V.; MACIEL, L. L.; SCHWANZ, J. K.; ZORZI, M. **Considerações conceituais e metodológicas sobre projetos de educação patrimonial**. Arqueologia Pública, Campinas, 20-31, n. 4, 2011.

LOPES, J. T. **Museus e territórios educativos de intervenção prioritária: um triplo jogo**. Departamento e Instituto de Sociologia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto - Portugal In: Observatório dos Territórios Educativos de Intervenção Prioritária (FSE/CED/83553/2008).

MENESES, U. B. Pintura Histórica: documento histórico? **Como explorar um museu histórico**. São Paulo: Museu Paulista/USP, p. 22-25, 1992.

MILANI, I. T. **Os reflexos da industrialização no governo de Getúlio Dornelles Vargas**. (1930-1954). www.cruesp/bibliotecasunipar [s.l.]: 2008. Disponível em: www.wikipedia.com.br/biblioteca. Acesso em: 8 de agosto de 2020.

CONCEPÇÕES DE AFETIVIDADE PARA PIAGET E A CONTRIBUIÇÃO PARA A APRENDIZAGEM

DOI: 10.5281/zenodo.8221768

Vivian Correia Falconeris¹

RESUMO

A afetividade sempre impulsionou as ações do ser humano, e o fato de os pensadores proporem a dicotomia entre razão e emoção mostrou a importância fundamental desse aspecto para o ser humano. Assim, o artigo com a temática sobre as concepções de afetividade para Piaget e a contribuição para a aprendizagem tem como objetivo analisar a influência da afetividade no processo de ensino e propor algumas formas de expressão das emoções para produzir sentimentos e emoções que podem afetar esse processo. Para tanto, utiliza-se uma pesquisa aplicada, de natureza bibliográfica, fundamentada na reflexão da leitura de livros, artigos, revistas e sites, tendo por base também a pesquisa de grandes autores referente a este tema de forma qualitativa. Dessa forma, conclui-se que as atividades em sala de aula, especialmente o comportamento dos professores no ensino, afetam a aprendizagem dos alunos e sua relação com os objetos de conhecimento.

Palavras-chave: Afetividade. Emoção. Conhecimento. Ensino-aprendizagem.

CONCEPTIONS OF AFFECTIVITY FOR PIAGET AND THE CONTRIBUTION TO LEARNING

ABSTRACT

Affectivity has always driven human actions, and the fact that thinkers propose the dichotomy between reason and emotion has shown the fundamental importance of this aspect for the human being. Thus, the article with the theme on the conceptions of affectivity for Piaget and the contribution to learning aims to analyze the influence of affectivity in the teaching process and propose some ways of expressing emotions to produce feelings and emotions that can affect this process. For this purpose, an applied research is used, of bibliographic nature, based on the reflection of the reading of books, articles, magazines and websites, also based on the research of great authors regarding this subject in a qualitative way. Thus, it is concluded that classroom activities, especially the behavior of teachers in teaching, affect the learning of students and their relationship with the objects of knowledge.

Keywords: Affectivity. Emotion. Knowledge. Teaching-learning.

¹ Licenciatura em História pela Universidade Camilo Castelo Branco – UNICASTELO (2013); Licenciatura em Pedagogia pela Universidade Nove de Julho – UNINOVE (2015); Pós-Graduação em Psicopedagogia Institucional pela Faculdade XV de Agosto (2018); Pós-Graduação em Neuropsicopedagogia pela Faculdade Unificada do Estado de São Paulo (2019); Professora de Educação Infantil pela Prefeitura Municipal de São Paulo (2020) e Professora de Educação Básica I pelo Governo do Estado de São Paulo (2020).

INTRODUÇÃO

Grande parte das ações do ser humano são permeadas por emoções, que influenciam nas decisões a serem tomadas, principalmente no ambiente escolar, os professores não se limitam a atuar no domínio cognitivo, mas ignoram a relação afetiva entre aprendizagem e desenvolvimento cognitivo.

A afetividade se faz presente na relação entre sujeito e objeto do saber na mediação sutil, que estimula a empatia e a curiosidade e permite que a criança avance segundo os seus próprios pressupostos no procedimento de desenvolvimento e aprendizagem.

Diante disso, falar de afetividade como fator da atividade pedagógica é tornar significativa a forma de propor atividades e conduzir atividades. No momento da aprendizagem, o afeto é o compromisso do professor em prestar atenção aos alunos e criar oportunidades de aprendizagem efetiva e significativa.

Durante décadas, professores não prestaram atenção ao aspecto emocional quando trabalhavam em sala de aula, e a natureza oculta dessa emoção ainda existe na relação educador / aluno. Sabemos que pelo afeto é possível perceber o seu impacto nos alunos, com ela, a aprendizagem tem um efeito positivo. Nessa perspectiva, é necessário questionar como a relação afetiva se desenvolve na dinâmica escolar e quais os seus reflexos no processo ensino-aprendizagem.

Acredita-se que a valorização da afetividade no processo de ensino traz muitos benefícios aos seus agentes, pois o professor proporciona confiança, acuidade e os métodos de processamento necessários para entender os sentimentos de seus alunos em um determinado momento e a capacidade e habilidade de encontrar soluções em alguns conflitos.

Assim, esse artigo busca analisar a influência da afetividade no processo de ensino e propor algumas formas de expressão das emoções para produzir sentimentos e emoções que podem

afetar esse processo. Para tanto, utiliza-se uma pesquisa aplicada, de natureza bibliográfica, fundamentada na reflexão da leitura de livros, artigos, revistas e sites, tendo por base também a pesquisa de grandes autores referente a este tema de forma qualitativa.

CONTEXTO HISTÓRICO DE AFETIVIDADE

Conclui-se que a escola deve levar a sério as questões da qualidade do conhecimento e suas relações, pois as interações afetivas no cotidiano escolar são essenciais para o desenvolvimento e construção do conhecimento.

Nesse contexto, Comenius (2002, p.85) se refere ao cérebro na idade infantil como sendo único, tenro e pronto para receber e aceitar todas as imagens que lhe chegam, apreendendo constantemente o que lhes é ensinado. No cérebro do ser humano, é sólido e duradouro apenas o que foi absorvido na primeira infância.

De acordo com Comenius, o homem para ser homem, sendo uma criatura racional, precisa ser ensinado nas letras, nas virtudes e na religião, deixando-o apto a levar a vida presente de forma que seja útil e de preparar-se dignamente para o futuro. Nesse caso, se todos aprenderem a conhecer os fundamentos, as razões e o fim de tudo que seja mais importante, ninguém se depara com alguma coisa que lhe seja desconhecida e que não possa emitir um juízo moderado ou fazer um uso adequado dela.

Seguindo seu pensamento, a educação escolar precisava de princípios fundamentais de reforma, com método consistente no aspecto do ser humano, por natureza, pronto a aprender tudo que lhe possa ser ensinado. Assim, Lopes (2003, p.93) destaca que naquele momento da história Comenius defendia a importância da mudança das

instituições escolares. Ele criticou a maneira como a escola funcionava, pois a considerava severa e com disciplinas muito rígidas.

Segundo Lopes (2003, p. 115), de acordo com Comenius, a profissão do professor deve possuir aspectos próprios, deve ser uma pessoa escolhida, de exímia inteligência e de muita integridade moral, deve estar exclusivamente dedicado ao ensino, visto que, em hipótese, acredita-se que a questão moral deva ser um exemplo da vida.

À medida que o professor é respeitado e amado por seus alunos irá definir seu sucesso. A educação de uma criança tem como objetivo a formação do juízo, do coração e do espírito.

Para fornecer atividades que agradam e usa a curiosidade dos alunos, o professor tem de participar disto, dessas atividades de divertimentos. Assim os alunos se sentem melhor, mais preparados quanto na aprendizagem quando no interesse pelo seu próprio impulso.

Segundo Lopes (2003, p.98), conforme a visão de Comenius, diz que, mesmo que a corrupção esteja pronta para cegar o entendimento do homem, não será extinto de si o anelo pelo conhecimento e pela sabedoria. Sendo assim, depende do indivíduo reavivar a mente de um jeito que o mesmo se beneficie com uma boa educação, correta e de qualidade.

Portanto, a educação deve ser uma forma de cultivar um novo homem que vivencia uma nova sociedade e estar preparados para enfrentar a realidade a fim de usar a razão e os sentimentos para se reconhecerem como semelhantes a si mesmos e aos outros.

CONCEITUAÇÃO DE AFETIVIDADE

O significado de afetividade provém da palavra afeto, que consiste nas diversas emoções que um indivíduo pode vivenciar em diferentes

situações. A afetividade ainda pode ser impulsionada por várias emoções impossíveis de serem dominadas e podem ser compartilhadas por todos.

Contudo, a afetividade inclui um conjunto de emoções adquiridas por indivíduos, como tendências, emoções, paixões e sentimentos. Nesse processo, a afetividade tem poder no caráter de todos, exceto que desempenham um papel bastante relevante no processo de aprendizagem em todas as etapas da vida. O afeto é um sentimento extremamente importante para a saúde mental de todas as pessoas e podem afetar seu comportamento, cognição ou desenvolvimento geral.

A afetividade também faz com que os seres humanos desenvolvam sentimentos por outras criaturas e objetos. Desta forma, as pessoas podem estabelecer relações amigáveis umas com as outras e com outros seres, como os animais. O conceito de afetividade pode ser definido em diversas áreas do conhecimento, mas suas principais considerações são a Filosofia, a Psicologia e a Pedagogia. Diante disso, Araújo (2014) diz que:

A afetividade está presente em diversos momentos da vida do indivíduo, desempenhando um papel muito importante com o seu educador, visto que por meio de uma má relação interpessoal o cognitivo fica comprometido, fazendo com que, desta forma, os educandos possuam barreiras intelectuais difíceis de serem reparadas com os anos seguintes. (ARAÚJO, 2014, p.26).

No entanto, a afetividade pode ser um reflexo das emoções, dos sentimentos, das experiências sensíveis e, conseqüentemente, da capacidade de alcançar outras sensações, referindo-se às vivências das pessoas e às formas de comunicação mais complexas e especialmente humanas.

Ao desenvolver a afetividade na relação mantida entre as partes envolvidas, a comunicação não afeta apenas o relacionamento, mas é

essencialmente uma forma de aprendizagem, onde a comunicação interfere no comportamento, intenções, crenças, valores, sentimentos e desejos. Assim, a afetividade, como intermediária do processo de aprendizagem das crianças, ocupa um lugar importante no ensino escolar. Nesse caso, o aprendizado emocional ou aprendizado emocional é sempre acompanhado por outro aprendizado.

Nesse contexto, Mattos (2008, p.53) afirma que:

As pessoas são seres afetivos, desde o início da vida emoções e razões estão misturas, no entanto, a afetividade está acima da razão, consequentemente os sentimentos de cada um provoca reflexos nos outros, porém, com o tempo isso pode mudar, a área cognitiva se sobrepõe à afetiva, por ser estimulada e constituída como essencial para a aprendizagem. (MATTOS, 2008, p.53).

Vale ressaltar que a afetividade possui um conceito mais amplo e complexo, englobando outros sentimentos que não a emoção e o surgimento de elementos simbólicos, e a afetividade refere-se à capacidade de ser afetado por fatores externos e internos. O afeto é uma forma de participação mútua, evidenciando o relacionamento interpessoal entre os indivíduos.

De um modo geral, as pessoas são afetadas por emoções positivas ou negativas, porque se algo favorável acontece no trabalho, na escola ou na família, isso reflete positivamente, mas se algo desfavorável, como uma bronca ou crítica, o sentimento reflete de forma negativa. Em ambos os casos, a afetividade ao ser humano desenvolve habilidades favoráveis para se defender, permitindo-lhe administrar seus sentimentos e sensações, compreender, aceitar e até mesmo se defender.

A AFETIVIDADE NA VISÃO DE JEAN PIAGET

Jean Piaget, importante teórico, fez uma palestra sobre o tema e, embora não fosse essa a sua intenção, acabou encontrando o caminho para o trabalho docente atual. Em sua teoria, existe um estreito paralelismo entre os aspectos cognitivos e emocionais, que são considerados aspectos complementares do comportamento humano. Piaget também influenciou a postura em sala de aula, fornecendo ao professor elementos que lhe permitiram refletir sobre si mesmo e sua relação com os alunos.

Piaget argumenta que a evolução psicológica é única em sua iniciativa e cognição e acredita que pode haver equivalência entre emoção e estrutura afetiva na vida de uma pessoa. Dessa forma, ele manipula a relação entre a psicologia afetiva da criança e o estudo da inteligência e suas manifestações por meio de julgamentos morais por meio de rebeldia, obediência e respostas emocionais e de medo.

Piaget entende o valor das diferentes forças na afetividade e define a estrutura dos aspectos negativos para interferir nos interesses determinados pelo ambiente. Piaget vai contra a dicotomia entre ações primárias e secundárias e, assim, constitui os aspectos afetivos e cognitivos.

Piaget acredita em sua teoria de que a afetividade é a motivação para a cognição da emoção, mas sua ênfase na relação entre emoção e razão se completam. Oliveira e La Taille (1992, p.66) acredita também que, para Piaget, “a relação de afeto seria a energia, que movimenta a ação, enquanto a razão possibilita ao ser identificar desejos, sentimentos diferentes, e adquirir êxito nas ações”.

Piaget também destaca que a sensação de sucesso e fracasso podem afetar o desempenho e o aprendizado, mas esse efeito reduz o ritmo e não afeta a estrutura de recebimento do conhecimento. Ele ainda aponta que a essência da emoção e da inteligência são diferentes. No entanto, o comportamento energético vem da afetividade e da estrutura e da função cognitiva.

Tudo isso está relacionado ao sujeito, ao objeto e à relação entre existência e objeto, de modo que o conteúdo da oposição é mais regulado pela emoção. Ambos são muito importantes para a ocorrência de comportamento e interação.

Oliveira e La Taille (1992, p.65) acreditam que para Piaget a afetividade é como um tema de suas investigações, pelo motivo de não ter encontrado indicadores empíricos compatíveis aos rigores científicos que se propunha para a investigação, ele não se considerava negligente em sua existência e/ou interferência nas relações dos sujeitos.

Portanto, para Piaget, o indivíduo está associado a um modo de integração, assim, essa integração cria um ambiente de aprendizagem muito importante, independentemente de ser propício à motivação para a aprendizagem, essa motivação afeta as escolhas das pessoas, além do seu trabalho árduo e perseverança. No ambiente escolar, esse clima favorável pode interferir no potencial do indivíduo, interferir em seu pensamento, comportamento social, psicológico e emocional, além de afetar o desempenho escolar.

CONTRIBUIÇÕES DA AFETIVIDADE PARA A APRENDIZAGEM

Os problemas e dificuldades emocionais que as crianças encontram em suas vidas fora da escola às vezes acabam no ambiente escolar. Um exemplo é a morte de parentes, amigos ou animais de estimação, separação dos pais e violência doméstica.

A escola é um lugar onde as crianças passam uma vida longa e feliz, mas também enfrentam demandas, rejeições, inseguranças, seja entre alunos e professores ou outros colegas, seja por assédio moral ou bullying.

Quando uma criança vai para a escola, seu desenvolvimento toma uma direção diferente. Ela

apenas parou de participar das atividades familiares, mas se fundiu em um novo ambiente com novos membros e suas próprias regras. Mesmo assim, o indivíduo retirou o conhecimento cognitivo e emocional trazido por outros antecedentes de relacionamento.

Conforme afirmam Cacheffo e Garms (2015, p. 25) a afetividade é uma das habilidades utilizadas pelos professores da Educação Infantil necessitam utilizar para formular sugestões pedagógicas, planejar atividades e mediar a relação entre professores e alunos, entre crianças e entre crianças e objetos de conhecimento. As autoras também dizem que a dimensão afetiva é inerente à função primordial das creches e pré-escolas, cuidar e educar (CACHEFFO e GARMS, 2015, p. 25).

Na vida afetiva, o conhecimento é constituído nas relações determinadas pelas pessoas, e essas relações permitem ao sujeito compreender quem ele é. A qualidade dessas respostas estabelecidas com o mundo permite que os sujeitos contextualizem com o seu educador e comprove-o a partir do retorno desse relacionamento.

A escola é um local de interação social intensa e diversificada, é neste espaço onde os alunos desenvolvem as suas próprias possibilidades, dessa forma, é um dos meios de influência externa, é um lugar onde se constrói o espaço verdadeiro da afetividade, porque se centra na intervenção da inteligência, e a evolução da emoção depende do desenvolvimento da inteligência.

Para tanto, a relação complementar entre os aspectos emocionais e cognitivos deve ser promovida para que o aprendizado realmente aconteça. “O professor precisa criar condições afetivas para o aluno atingir a plena utilização do funcionamento cognitivo, e vice-versa” (ALMEIDA, 2004, p. 126).

Como eixo estrutural da prática docente, a interação durante a brincadeira reflete no cotidiano

das crianças e traz muito aprendizado e potencialidades para o desenvolvimento geral das crianças. Analisando a interatividade e o brincar entre crianças e entre os adultos e elas, é fácil identificar a expressão emocional, mediação da frustração, resolução de conflitos e regulação emocional. (BNCC, p.37).

Dessa forma, a afetividade no ambiente escolar é benéfica para o ensino e a aprendizagem, pois os professores que estão comprometidos com a educação não só divulgam conhecimentos, mas também ouvem a voz dos alunos, promovendo, assim, relações de comunicação. Quando tais relações são baseadas em afeto, respeito, diálogo, limitações e confiança, eles se tornam uma fonte de crescimento e realização para alunos e professores.

CONSIDERAÇÃO FINAIS

A afetividade sempre impulsionou as ações do ser humano, e o fato de os pensadores proporem a dicotomia entre razão e emoção mostrou a importância fundamental desse aspecto para o ser humano.

O processo de formação e enriquecimento do afeto infantil nos faz perceber que esse processo emocional é uma inovação contínua. A formação da afetividade relaciona-se aos valores sociais e ao desenvolvimento social, ou seja, as emoções entre os indivíduos estão entre si.

Na teoria de Piaget, cognição e afetividade são os dois componentes do desenvolvimento intelectual. Existem semelhanças entre esses dois aspectos. Piaget distingue o estágio emocional

correspondente ao estágio de desenvolvimento estrutural.

Para ele, embora emoção e cognição tenham naturezas diferentes, são inseparáveis e indissociáveis. Entretanto, em sua teoria, o desenvolvimento da inteligência no campo moral é a base para a organização do mundo afetivo, e não o contrário. Embora o tema sobre valores seja agregado à relação entre afetividade e cognição, Piaget enfatizou a questão da inteligência como o “motor” do desenvolvimento humano.

Portanto, o sentimento de amor que se estabelece principalmente entre mãe e filho se estende a outras pessoas, como pais, irmãos e companheiros, mudando ou adaptando-se aos fatos e situações emocionais do passado.

Espero que essas reflexões sejam favoráveis àqueles que pretendem conciliar os desafios dessa nova era com a perseverança dos condutores envolvidos com o processo educacional e que possam assumir atitudes mais afetivas, e que esse aspecto da vida não se limite ao âmbito da discussão, mas que, em nossas escolas, isso se torne uma realidade real e contínua.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Laurinda Ramalho. **Ser professor: um diálogo com Henri Wallon**. In: MAHONEY, A.; ALMEIDA, L. R. (Org.). A constituição da pessoa na proposta de Henri Wallon. São Paulo: Loyola, 2004. p. 119-142.

ARAÚJO, Ágnes Alves de. **Relação da afetividade professor-aluno no contexto da alfabetização**. Brasília, 2014.

CACHEFFO, Viviane Aparecida Ferreira Favareto; GARMS, Gilza Maria Zauhy. Afetividade nas práticas educativas da educação Infantil. **Nuances: estudos sobre Educação**, Presidente Prudente-SP, v. 26, número especial 1, p. 17-33, jan. 2015. Disponível em: <https://revista.fct.unesp.br/index.php/Nuances/article/view/2814/2915> - Acesso em 05 de outubro de 2020.

LOPES, Edson Pereira. **O conceito de teologia e pedagogia na Didática Magna de Comenius**. São Paulo: Mackenzie, 2003.

MATTOS Sandra Maria Nascimento de. **A afetividade como fator de inclusão escolar**. TEIAS: Rio de Janeiro, ano 9, nº 18, pp. 50-59, 2008.

OLIVEIRA, M. K. **O problema da afetividade em Vygotsky**. In: LA TAILLE, Y. Piaget, Vygotsky, Wallon: teorias psicogenéticas em discussão. 12. ed. São Paulo: Simmus, 1992.

UNESCO. **Base Nacional Comum Curricular**. (BNCC). Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf

O ENSINO DA ARTE NO DESENVOLVIMENTO DA APRENDIZAGEM DO ALUNO NO ENSINO FUNDAMENTAL

DOI: 10.5281/zenodo.8221843

Sheila Quaresma da Silva¹

RESUMO

A temática desse artigo se refere ao ensino da arte no desenvolvimento da aprendizagem do aluno no Ensino Fundamental, e surgiu da relevância do ensino da Arte no contexto do Ensino Fundamental, em que é desenvolvida a coordenação motora no aluno, desenvolvida por meio dos trabalhos e de todas as suas emoções relacionadas ao mundo. Para isso, questiona-se qual é a contribuição da disciplina para a aprendizagem do aluno, enfatizando a importância da metodologia da disciplina no currículo escolar para o ensino de artes envolvendo diferentes linguagens, incluindo artes visuais, dança, música, teatro, etc.? Contudo, seu principal objetivo é refletir sobre a contribuição da Arte para o desenvolvimento dos alunos, à medida que os sujeitos aprendem na interação com os outros e com o meio em que está inserido, bem como através de métodos de trabalho da disciplina no Ensino Fundamental. Dessa forma, utiliza-se uma metodologia com procedimentos técnicos, a característica desta pesquisa é bibliográfica, o método consiste em fazer revisão sistemática da literatura, qualitativa e exploratória, utilizar livros, artigos acadêmicos publicados, revistas, e visitar portais relacionados ao assunto. Assim, conclui-se que as crianças exploram seus sentidos em tudo o que fazem e, por meio da arte, desenvolve sentimentos, autoestima e capacidade de representar símbolos. Ou seja, a arte pode transcender a atividade real e precisa ser entendida como um processo que envolve sentimentos e emoções.

Palavras-chave: Arte. Linguagens. Interação. Aprendizagem.

TEACHING OF ART IN THE DEVELOPMENT OF STUDENT LEARNING IN ELEMENTARY SCHOOL

ABSTRACT

The theme of this article refers to the teaching of art in the development of student learning in Elementary School, and arose from the relevance of the teaching of art in the context of Elementary School, in which motor coordination is developed in the student, developed through the works and all their emotions related to the world. To this end, it is questioned what is the subject's contribution to student learning, emphasizing the importance of the subject methodology in the school curriculum for the teaching of arts involving different languages, including visual arts, dance, music, theater, etc? However, its main objective is to

¹ Licenciatura em Artes pela Universidade Cruzeiro do Sul – UNICSUL (2008); Licenciatura em Pedagogia pela Universidade Nove de Julho – UNINOVE (2012); Pós-Graduação em História, Arte e Educação nos Museus Paulistas pela Faculdade Unificada do Estado de São Paulo – FAUESP (2019); Professora de Arte pela Prefeitura Municipal de São Paulo; Professora de Arte pela Prefeitura Municipal de Poá.

reflect on the contribution of Art to the development of students, as subjects learn in interaction with others and with the environment in which they are inserted, as well as through the working methods of the discipline in Elementary School. In this way, a methodology with technical procedures is used, the characteristic of this research is bibliographic, the method consists of systematically reviewing the literature, qualitative and exploratory, using books, published academic articles, magazines, and visiting portals related to the subject. Thus, it is concluded that children explore their senses in everything they do and, through art, develop feelings, self-esteem and capacity to represent symbols. In other words, art can transcend real activity and needs to be understood as a process that involves feelings and emotions.

Keywords: Art. Languages. Interaction. Learning.

INTRODUÇÃO

A arte reflete a história e a cultura da experiência de uma pessoa, considerando o valor estético de sua beleza, harmonia e equilíbrio. Há diferentes formas de expressão e linguagem, como artes visuais, música, dança, teatro e literatura. A expressão artística permite a ação entre o cognitivo e o afetivo e quando se fala de crianças pequenas, elas apresentam uma espontaneidade maior, facilitando essa expressão, pois a brincadeira se faz presente o tempo todo e através do contato com as imagens elas se comunicam facilmente através das linguagens artísticas.

A promoção da arte na educação é dar liberdade, mas devemos estar atentos às reações das crianças nas atividades, tratar o processo como um recurso, explorar o potencial da criatividade e contribuir de diversas maneiras para a aprendizagem.

Para tanto, o ensino no Brasil tem experimentado vários métodos, na maioria das vezes introduzido sem os devidos ajustes, trazendo o conceito da importância das artes visuais com base nos Parâmetros Curriculares Nacionais de Artes e na Lei de Diretrizes e Bases da Educação.

Assim, a decisão de abordar esse tema surgiu da relevância do ensino da Arte no contexto do Ensino Fundamental, em que é desenvolvida a coordenação motora no aluno, desenvolvida por meio dos trabalhos e de todas as suas emoções relacionadas ao mundo.

Ao usar diversos métodos de aprendizagem em seu cotidiano faz uma reflexão sobre o desenvolvimento cognitivo, emocional e motor das crianças por meio de diferentes linguagens artísticas apresentadas, também identifica e mostra como as crianças aprendem e compreendem os efeitos visuais através da arte na pintura, no desenho, no recorte e colagem, nas visitas a museus, na música, etc.

Para isso se faz o seguinte questionamento: Qual é a contribuição da disciplina para a aprendizagem do aluno, enfatizando a importância da metodologia da disciplina no currículo escolar para o ensino de artes envolvendo diferentes linguagens, incluindo artes visuais, dança, música, teatro, etc.?

Sendo assim, esse artigo busca refletir sobre a contribuição da Arte para o desenvolvimento dos alunos, à medida que os sujeitos aprendem na interação com os outros e com o meio em que está inserido, bem como através de métodos de trabalho da disciplina no Ensino Fundamental.

Quanto a metodologia, em termos de procedimentos técnicos, a característica desta pesquisa é bibliográfica, o método consiste em fazer revisão sistemática da literatura, qualitativa e exploratória, utilizar livros, artigos acadêmicos publicados, revistas, e visitar portais relacionados ao assunto.

A INFLUÊNCIA DA ARTE NA APRENDIZAGEM DA CRIANÇA

A criança interage com as expressões artísticas, estéticas e de comunicação do meio e, nessa interação, entra em contato com o meio social e cultural que permeia a estrutura da consciência estética. Contudo, é evidente que a criança já vivencia a Arte produzida pelos adultos, presente em seu cotidiano. É óbvio que essa Arte exerce vivas influências estéticas na criança. É óbvio, também, que a criança com ela interage de diversas maneiras (FERRAZ; FUSARI, 1993, p. 43).

Naturalmente, as crianças entram em contato com o mundo sensível, agindo sobre ele com afeto, cognição, motricidade; e constroem para si um repertório perceptivo de formas, cores, texturas, sabores, gestos e sons, atribuindo a este mundo, sentidos e organizações diferentes.

A expressividade infantil implica na construção de formas de linguagem e comunicação exercidas no processo de socialização. Atuando expressivamente é que a criança aprende e vivencia formas de ser e de estar no mundo humano. O mundo simbólico passa a ser conhecido e ressignificado no convívio e acesso aos jeitos de pensar e fazer e aos códigos, entre eles os códigos da Arte.

[...] é na cotidianidade que os conceitos sociais e culturais são construídos pela criança, por exemplo, os de gostar, desgostar, de beleza, feiura, entre outros. Esta elaboração se faz de maneira ativa, a criança interagindo vivamente com pessoas e sua ambiência (FERRAZ; FUSARI, 1993, p. 42).

A educação em Arte promove o desenvolvimento de ideias artísticas, que é uma forma especial de dar às pessoas um significado para a experiência. Segundo ela, a criança eleva a sensibilidade, a percepção, o reflexo e a imaginação.

Silva et al., (2010, p.97) diz que “o ensino de Arte aborda uma série de significações, tais como: o senso estético, a sensibilidade e a criatividade”. Assim, compreende que da mesma forma que somos capazes de ler palavras, conseguimos também ler imagens para compreender melhor o mundo, construir saberes e compreender diferentes culturas por meio das artes visuais, do drama, da dança, da música, enfim, da linguagem artística.

Portanto, a arte é capaz de elevar a identidade e a nova cidadania de crianças e jovens educados na escola, ajudando assim a adquirir competências culturais e sociais no contexto em que estão envolvidos.

A ARTE NO CONTEXTO ESCOLAR

Com a nova tendência escolar, as escolas brasileiras passaram a adotar outras modalidades de ensino da arte, com foco no desenvolvimento da própria criança, atentando para as necessidades e absorção e considerando a forma de expressão e compreensão do mundo.

Como princípio do pensamento inovador, a introdução da educação artística nos currículos escolares é uma melhoria, especialmente na compreensão da arte. No contexto educacional, esse conhecimento e da interação com diferentes culturas, as crianças vão integrar, adaptar, transformar, descobrir e transformar esse conhecimento à sua maneira de acordo com o seu próprio estágio de aprendizagem e interesse em aprender. De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais:

O conhecimento da arte abre perspectivas para que o aluno tenha uma compreensão do mundo na qual a dimensão poética esteja presente: a arte ensina que é possível transformar continuamente a existência, que é preciso mudar referências a cada momento, ser flexível. Isso quer dizer que criar e conhecer são indissociáveis e a flexibilidade é condição

fundamental para aprender. (BRASIL, 1997, p. 19).

Na prática de ensino, a Arte deve dar atenção à arte e seus aspectos artísticos, a fim de desenvolver a criatividade pessoal das crianças. No contexto de importância educacional, arte refere-se à capacidade de capacitar os indivíduos a compreender, revelar e desenvolver habilidades além das suas.

O professor precisa considerar os significados já estabelecidos e propor o desafio de construir outros. Vale ressaltar que, além de perceber que o ambiente estimulante depende desses fatores, o professor também deve oferecer aos alunos o máximo de materiais, suporte, tecnologia e desafios possíveis, o que beneficiará o crescimento dos alunos, explorando novos conhecimentos.

Nas concepções de Silva et al., (2010), além de usar as artes visuais para exercitar a interação emocional e social das crianças, os professores também podem usá-las para ajudar as crianças que devem exercitar suas habilidades motoras desde cedo para que possam sentir esse recurso em seus filhos no futuro, a fim de sentir a diferença na vida pessoal, escolar e profissional.

Dessa forma, a Arte é muito relevante no contexto escolar e precisa ser exposta na sala de aula, pois é uma linguagem e uma forma de representar o mundo em nossas vidas. A arte deve ir além do âmbito da escola, além da teoria do pensamento artístico. Cada cultura e contexto de vivência possui características únicas, em seus padrões, valores, normas, ideias e metas, que são difundidos e transmitidos de geração em geração.

ALGUNS MÉTODOS PARA O ENSINO DA ARTE

O uso de diferentes formas de arte na educação é fundamental para a formação do ser humano. Para a criança, a composição do trabalho

é uma espécie de diversão e satisfação, uma forma de brincar, cujo foco principal não é o resultado final do trabalho. Para os adultos, estética e beleza são as principais prioridades. Portanto, respeitar os métodos parentais das crianças em diferentes obras é aprimorar sua capacidade expressiva e dar sentido ao mundo ao seu redor por meio da linguagem artística.

O plano de aula é um dos requisitos básicos para que o professor aprenda com o sucesso dos alunos, pois através da utilização da aula, além de se adaptar ao método de ensino, você também pode perceber os erros e acertos da aula por meio dele.

Zabala (1998, p.48) compreende planejamento como conhecimento e pensamento de modelos possíveis, análise e avaliação de normas e apropriação e formulação de conteúdos, o que significa analisar fatores positivos e negativos, posicionamento, participação emocional e autoavaliação e avaliação de desempenho. (1998, p. 48).

A disciplina de Arte precisa proporcionar aos alunos a experiência e a compreensão dos fatores técnicos, criativos e simbólicos das artes visuais, do teatro, da música, do teatro, da dança e suas respectivas inter-relações. Para isso, é necessário realizar um trabalho organizado e fortalecido através de atividades artísticas referentes à experiência e às necessidades da sociedade em que o aluno está inserido. Para tanto, seguem alguns métodos utilizados para o ensino da Arte nas escolas:

Música

As atividades que envolvem música permitem que as crianças entendam seus limites e o conceito de programas de espaço e corpo.

Na escola, a música deve ajudar a expandir a experiência estética e artística das crianças. Nesse processo, a escolha da música é crucial. O ambiente escolar pode ser construído com outras músicas, o que pode aumentar o aprendizado das

crianças, sua inserção cultural, sua compreensão de outras línguas, outras etnias e estilos

No trato com a música, o trabalho deve ser fortalecido, deve ser considerado como uma forma de expressão e conhecimento para bebês, crianças, adolescentes e crianças com necessidades especiais, onde o trabalho precisa mais intensificado.

Dança

A dança combina corpo, movimento e sentimento. Na dança, a criança é artista e obra. O corpo está totalmente mobilizado e todas as partes do corpo estão envolvidas. A dança tem controle da respiração e funções articulares, mas envolve também coletividade, dedicação, sagacidade e aspectos motores diversos.

Desenho

Por meio do desenho, os alunos podem usar a imaginação, reflexão e sensibilidade para criar e recriar. A criança tenta organizar seus pensamentos, conceitos e desejo de compreender o mundo por meio do desenho. O desenho, nesta fase, é uma atividade amplamente utilizada na educação, mas também deve ter um objetivo específico, pelo que não é apenas uma atividade sem sentido.

A importância do desenho é valorizada pelas crianças desde bem pequenas, pois elas precisam estimular, desafiar e encarar o universo infantil de forma a enriquecer suas próprias experiências.

Artes Plásticas

As Artes Plásticas consistem na forma de moldar, reorganizar e modificar diferentes tipos de materiais para expressar sentimentos e pensamentos. O nome vem da ideia da essência do plástico. A essência do plástico é um líquido, que pode ser transformado em vários objetos usando a criatividade.

Por meio das Artes Plásticas, a professor apresenta aos alunos a possível conversão e

reaproveitamento de materiais jogados no lixo, por exemplo, a construção de brinquedos para crianças. Por meio da criação artística, os alunos podem desenvolver sua expressão, personalidade e autoestima.

Pintura

O objetivo do trabalho com pintura não proporciona apenas o prazer em manipular mãos e pincéis, mas, com a exposição a vários materiais que podem ser usados para processar tinta, cola, álcool, etc., as crianças podem desenvolver a capacidade de pintar, de desenvolver suas próprias habilidades motoras, além de melhorar suas habilidades de alfabetização no futuro. A pintura não só pode expressar diferentes sentimentos na superfície da prática, ela também é extremamente importante para o desenvolvimento das letras. Assim, Coll e Teberosky (2004) declaram que:

A pintura pode ser definida com a arte da cor. Se no desenho o que mais se utiliza é o traço, na pintura o mais importante é a mancha da cor. Ao pintar, vamos colocando sobre o papel, a tela ou a parede cores que representam seres e objetos, ou que criam formas. (COLL; TEBEROSKY, 2004, p. 30).

Como é visto, a pintura é um dos métodos mais importantes da Arte, na Educação infantil a pintura deve ser utilizada como fator de motivação, desenvolvimento emocional e social das crianças. Interpretar obras, recriar imagens e observar pinturas são atividades que mostram a possibilidade de transformação, reconstrução, reutilização e construção de novos elementos, formas, texturas, etc.

Recorte e Colagem

Uma forma interessante para Coll e Teberosky (2004) é a utilização da colagem e cortar ou rasgar figuras bem coloridas e com texturas diferentes e de formas variadas. Recomenda-se que, primeiramente, colete-se papel, papelão e tecido de várias texturas e cores. Coll e Teberosky (2004) também compreendem

que é possível utilizar muitos tipos de papel: liso, amassado, brilhante, grosso, fino, etc. As fotos de revistas são muito relevantes porque têm muitas cores diferentes.

A Arte Tecnológica

A tecnologia pode ajudar a expandir o acesso das pessoas às obras de arte em diversificadas épocas e contextos, porque permite que os indivíduos em todo o mundo as apreciem.

A cultura digital e suas mídias, como fotos, vídeos, músicas e imagens que os alunos consomem na internet e produzem online, colaboram na construção das suas próprias imagens e repertório sensível, ampliando assim a compreensão do propósito e do significado dessas obras.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, o ensino de arte passou a ser um curso obrigatório em todos os níveis da educação básica para promover o desenvolvimento cultural dos alunos.

Com relação à influência da arte no desenvolvimento dos alunos, ficou enfatizado que, por meio da arte, as crianças podem se libertar de seus grilhões, criatividade, imaginação e

autoconfiança. Na medida em que a arte faz parte do plano curricular, enfatizam a importância de explorar o ensino da arte nas atividades propostas para promover a aprendizagem expressiva. Dessa forma, a arte está em contato direto com os nossos sentimentos, despertando as pessoas para prestarem mais atenção aos seus processos emocionais.

Foi possível concluir que as crianças exploram seus sentidos em tudo o que fazem e, por meio da arte, desenvolve sentimentos, autoestima e capacidade de representar símbolos. A arte pode transcender a atividade real e precisa ser entendida como um processo que envolve sentimentos e emoções.

Além das artes visuais voltadas para a interação emocional e social das crianças, elas também contribuem para o desenvolvimento das habilidades motoras das crianças e outros conteúdos do trabalho em sala de aula, que irão refletir a vida pessoal, escolar e profissional do indivíduo no futuro.

Por fim, por meio do estudo e análise da narrativa, constata-se que a arte é considerada um importante tema criativo que as escolas de educação infantil e ensino fundamental tratam no dia a dia, e os professores devem planejar e incluir o conceito de respeito à diversidade, ao tempo e à energia no contato de cada criança com a arte no processo de construção do conhecimento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. **Lei De Diretrizes e Bases para a Educação Brasileira**. Disponível em: www.planetaeducacao.com.br/novo/legislacao/ Acesso em: 26 abr. 2010.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais - Arte**. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília, v. 6. 1997.

COLL, César; TEBEROSKY, Ana. **Aprendendo arte: conteúdos essenciais para o ensino fundamental**. São Paulo: Ática, 1999. 256 p.

FERRAZ, Heloisa; FUSARI, Maria F. de Resende. **Arte na educação escolar**. São Paulo: Cortez, 1993.

SILVA, E. A. da; OLIVEIRA, F. R.; SCARABELLI, L; COSTA, M. L. de O.; OLIVEIRA, S. B. Fazendo arte para aprender: A importância das artes visuais no ato educativo. **Pedagogia em ação**, v.2, n.2, p. 1-117, nov. 2010.

ZABALA, A. **A Prática Educativa**: Como ensinar. Porto Alegre: Artmed, 1998.

OLHARES PEDAGÓGICOS NA CONCEPÇÃO DE PAULO FREIRE PARA A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

DOI: 10.5281/zenodo.8221241

Cristiane Machado Archangelo¹

RESUMO

Este artigo encontra fundamento nas teorias do grande educador e filósofo Paulo Freire no que diz respeito à proposta de uma educação para a cidadania. Assim, este artigo visa refletir acerca da temática sobre concepções pedagógicas de Paulo Freire, especialmente para a Educação de Jovens e Adultos – EJA. Como proposta de exercício reflexivo, crítico e essencial, colocado como meta pelas instituições de ensino e por seus educadores, respeitando os alunos e os próprios educadores que potencializam a formação coletiva da EJA no Brasil. Diante disso, surge o seguinte questionamento: Como a escola propõe o trabalho voltado para a cidadania no contexto da diversidade de realidades sociais vivenciadas pelos alunos da EJA? Para fundamentar esse artigo, utiliza-se uma pesquisa bibliográfica de cunho qualitativo. Para tanto, é importante discutir sobre a cidadania na escola, pois compreende-se que mesmo que a instituição educacional tenha passado por diversas mudanças, continua sendo um espaço favorecido para a troca de experiências e saberes.

Palavras-chave: Cidadania. EJA. Paulo Freire. Educação.

PEDAGOGICAL PERSPECTIVES IN PAULO FREIRE'S CONCEPTION FOR YOUTH AND ADULT EDUCATION

ABSTRACT

This article finds foundation in the theories of the great educator and philosopher Paulo Freire regarding the proposal of an education for citizenship. Thus, this article aims to reflect about Paulo Freire's pedagogical conceptions, especially for Youth and Adult Education - EJA. As a proposal of a reflexive, critical and essential exercise, placed as a goal by the teaching institutions and their educators, respecting the students and the educators themselves who enhance the collective formation of EJA in Brazil. In view of this, the following question arises: How does the school propose to work towards citizenship in the context of the diversity of social realities experienced by EJA students? To support this article, a qualitative bibliographic research is used. For that, it is important to discuss citizenship at school, because it is understood that even if the educational institution has gone through several changes, it is still a favored space for the exchange of experiences and knowledge.

Keywords: Citizenship. EJA. Paulo Freire. Education.

¹ Licenciatura em Letras (Português e Inglês) pela Universidade Cruzeiro do Sul – UNICSUL (2000); Professora de Língua Portuguesa pelo Governo do Estado de São Paulo; Professora de Língua Portuguesa pela Prefeitura Municipal de São Paulo.

INTRODUÇÃO

As demandas da modernidade exigem cada vez mais que os indivíduos forneçam conhecimento e autonomia, que é uma forma de formação ou participação em diferentes atividades sociais. Nesse sentido, espera-se que todo cidadão, independentemente da idade, possa ou esteja disposto a exercer suas funções sem esperar as expressões ou ordens de outras pessoas e demonstre criticidade e flexibilidade diante dos desafios.

Diante das inúmeras mudanças ocorridas ao longo dos anos, muitos questionam como garantir o exercício efetivo da cidadania no contexto educacional, e sua função social tem passado por transformações em consonância com os momentos históricos da sociedade. Para tanto, é importante discutir sobre a cidadania na escola, pois compreende-se que mesmo que a instituição educacional tenha passado por diversas mudanças, continua sendo um espaço favorecido para a troca de experiências e saberes.

A filosofia pedagógica de Paulo Freire sempre foi marcada por um profundo e persistente compromisso com a "educação de massa", mas dado que homens e mulheres estão integrados ao paradigma socialista, isso não é um objetivo. A produção social educacional e a reprodução da disciplina, do controle e do consenso permitem-lhes ter o status de homens e mulheres como profissões "mais" ontológicas.

Como proposta de exercício reflexivo, crítico e essencial, colocado como meta pelas instituições de ensino e por seus educadores, respeitando os alunos e os próprios educadores que potencializam a formação coletiva da EJA no Brasil. Para tanto, questionamos: Como a escola propõe o trabalho voltado para a cidadania no contexto da diversidade de realidades sociais vivenciadas pelos alunos da EJA?

Dessa forma, este artigo visa refletir acerca da temática sobre concepções pedagógicas de

Paulo Freire, especialmente para a Educação de Jovens e Adultos – EJA.

Como todos sabemos, uma das tarefas da escola contemporânea é promover ações para mudar a vida dos cidadãos com a consciência firme e assim comprovar a sua formação. No entanto, a prática de tal teoria enfrenta muitos desafios. As escolas de todo o país ainda estão dando passos importantes para garantir práticas baseadas nos princípios da cidadania.

A pesquisa sobre os olhares pedagógicos na concepção de Paulo Freire para a Educação de Jovens e Adultos – EJA iniciou com a análise de conteúdo e considerou os subsídios metodológicos de vários autores que discutem o referido tema. Mas, mais importante, está alicerçado no conceito de “conscientização de cidadania de Paulo Freire (1987, 1997, 2005, 2014), e seu processo pode promover alunos de diversas disciplinas, principalmente da Educação de Jovens e Adultos, a participarem ativamente da construção de outras realidades de acordo com sua visão contemporânea que conecta cidadãos com participação ativa no mundo.

CONCEPÇÕES DE CIDADANIA

De acordo com Ferreira (2011, p.209), cidadania se refere a condição de cidadão, que se opõe ao poder público ou grupos privados. Assim, pode-se definir cidadão como todo aquele que participa, coopera e argumenta nos termos da lei, ou seja, é um promotor ativo do exercício de direitos e obrigações. Tornar-se cidadão não significa ser oprimido ou conquistado, mas sim enfrentar o desafio de defender e exercer seus direitos.

O conceito de cidadania evoluiu com a história, mas a sua origem está nas sociedades grega e romana, sendo nomeadas como cidades ou polis. Desde então, o conceito “cidadania” surgiu na burguesia e no capitalismo. A Constituição

Federal do Brasil (1988) estabelece cidadania como sendo o exercício dos direitos e deveres dos indivíduos, tanto civis como políticos e sociais.

Contudo, Coutinho (2005, p.2) determina que cidadania é a capacidade de determinados indivíduos ou, no caso de uma democracia efetiva, de ser adquirida por todas as pessoas para renovar os bens criados pela sociedade apropriada para atualizar a realização humana trazida pela vida social em cada contexto histórico estabelecido. Bonin (2008), por sua vez, corrobora com os conceitos já descritos anteriormente, quando diz:

A cidadania pode ser definida simplesmente como o gozo de direitos civis e o cumprimento de deveres de acordo com as leis de determinada sociedade. É um conceito que pode deixar certas pessoas confusas não só pela sua complexidade, como também em relação ao seu uso, principalmente em sociedades onde as necessidades básicas, como o alimento, nem sempre são satisfeitas. (BONIN, 2008, p.92).

De acordo com Bonin (2008), Paulo Freire propõe um projeto de cidadania mais explícito, envolvendo valores como o conhecimento da realidade que se liberta da opressão e a reflexão sobre o mundo circundante. (BONIN, 2008, p.93).

Conforme estudos de Bonin (2008, p.93) Freire também discute a autonomia e a liberdade que um verdadeiro cidadão possui em agir politicamente, sendo preciso que haja conhecimento da cultura para que se desenvolva a autoestima.

Silva (2003, p.99) também descreve cidadania como um exercício de estar em algum lugar, mesmo estando em silêncio nesse espaço, entretanto, pode ser qualquer lugar no ambiente escolar, possibilitando ao indivíduo o direito de falar, expressar sentimentos, desejos, ideias e saberes, podendo ser formais ou informais.

Freire procura se basear na realidade cotidiana, estimular a reflexão de formas práticas e teorias e se posicionando contra ao autoritarismo de várias maneiras. Acredita que o conhecimento,

a criatividade, a liberdade e a verdadeira democracia têm valores básicos. Mas isso não significa que ele não discrimine as formas diversas de poder existentes. (BONIN, 2008, p.93).

Sendo assim, cidadania deve ser entendida como a conscientização dos direitos e corresponde ao desempenho das suas funções. Isso significa o exercício efetivo civicamente, politicamente e socioeconomicamente dos direitos do indivíduo, assim, como também a participação e auxílio para o bem-estar social. A cidadania precisa ser compreendida como um processo contínuo, uma construção coletiva, ou seja, a efetivação dos direitos humanos.

CONCEPÇÕES PEDAGÓGICAS DE PAULO FREIRE

Na sua concepção pedagógica, Freire (2005) diz que a cidadania se constitui a partir de uma presença efetiva, crítica decidida de todos os indivíduos, com relação a tudo o que é público. Aponta que a cidadania é um direito garantido pelo Estado e com amplo envolvimento público.

Não dá para afirmar se determinada política, plano, projeto ou proposta educacional é favorável ou não sem referenciar se um projeto de sociedade é estatuído ou instituinte. Além disso, os conceitos de ensino partem sempre de uma visão de mundo específica, elaborada por uma classe social específica, e fornecem análises e sugestões para toda a sociedade.

Em seus estudos, Paludo (2001, p. 65) descreve a “educação do popular” como:

uma compreensão da educação instituída, pública ou não, como prática social construída historicamente [...] mediada por sujeitos políticos e recursos, que articulam em torno de si diferentes campos de forças políticas e culturais. Estas forças disputam entre si a direção para as práticas educativas (fins e meios) e articulam-se de forma orgânica com a

perspectiva de direcionamentos (projetos) econômico, político e cultural da sociedade no seu conjunto. (PALUDO, 2001, p. 65).

Romão (2008, p.152) afirma que, para Paulo Freire, a educação é muito voltada para a prática, ou seja, profundamente ligada à interação que é necessária entre a prática e a teoria, nesta ordem. Além disso, a prática antecede e é constituída com princípio fundamental da teoria em decorrência do relacionamento entre a política e a dimensão gnosiológica da interação pedagógica.

A teoria educacional de Freire prova que, para pensar sobre educação, é necessário, ao mesmo tempo, refletir a respeito do ser humano, uma vez que nele acontece o processo educativo.

Nas obras de Freire, percebe-se que ele sempre foi bastante insistente com relação ao foco pedagógico contextualizado na educação, ou seja, correspondente as posturas docentes e com as relações humanas.

CONTRIBUIÇÕES DE PAULO FREIRE PARA O EJA

A educação de jovens e adultos é um método de ensino amparado por lei, dirigido a pessoas que não puderam frequentar a escola na idade adequada por algum motivo. Segundo Ribeiro (2001), A alfabetização de adultos é uma prática política porque visa corrigir ou resolver situações excluídas e, na maioria dos casos, faz parte de um quadro mais amplo de marginalização.

Na EJA, é preciso pensar em Paulo Freire, o mais famoso educador brasileiro, conhecido por suas conquistas e reconhecimento internacional. Mais importante ainda, ele é conhecido principalmente por seus famosos métodos de alfabetização para adultos, que, com isso, leva o seu nome, além de desenvolver uma verdadeira política no pensamento pedagógico.

O principal objetivo de Paulo Freire é conscientizar o aluno especialmente com relação às pessoas menos favorecidas. Para ele, vencer o analfabetismo político é a primeira premissa da educação de Freire, ao mesmo tempo, a partir da experiência, ler o mundo, através de sua cultura e sua história.

Freire destaca que a liberdade deve ser praticada na educação. Quanto mais consideram o aluno como um problema no mundo, mais se tornam desafiados a agirem de forma positiva, contrariando a educação bancária, domesticadora, que apenas armazena conteúdos no aluno. Paulo Freire considera o saber de formas diferentes e não como mais ou menos, como um meio termo.

Segundo Freire (1987), o indivíduo analfabeto não deve ser visto como um povo imaturo e ignorante, e os educadores alertam para o desenvolvimento da educação de acordo com as necessidades desses alunos. Ele defende o conhecimento popular e a consciência de participação e inspirou muitos movimentos sociais que lutam pela justiça social. As premissas de Freire ainda inspiram a sociedade civil a realizar ações de promoção da cidadania. (FREIRE, 2013, p.49).

As sugestões educacionais de Freire são utilizadas como conceitos metodológicos, incluindo respeito aos alunos, diálogo e desenvolvimento crítico. Mas seu método de ensino é baseado em dois princípios básicos: político e dialógico.

A ESCOLA COMO ESPAÇO DE CIDADANIA

A preparação para a cidadania escolar é um trabalho extenso e contínuo que transforma o indivíduo, tornando possível que o mesmo se torne sujeito de mudanças. Por isso, é necessário envolver toda a sociedade, incluindo familiares, amigos, professores, funcionários de escolas,

escolas, clubes, igrejas, associações, sociedade e as diferentes situações ou realidades em que as pessoas se encontram.

Esse tipo de ação ocorre por meio da reflexão crítica, que é promovida no seio da escola todos os dias, pois, para Padilha (2001):

É aquela que viabiliza a cidadania a de quem está nela e de quem vem a ela. Ela não pode ser uma escola em si e para si. Ela é cidadã na medida em que se exercita na construção da cidadania de quem usa o seu espaço. A Escola Cidadã é uma escola coerente com a liberdade, que brigando para ser ela mesma, luta para que os educandos-educadores também sejam eles mesmos. E como ninguém pode ser só, a Escola Cidadã é uma escola de comunidade, de companheirismo. É uma escola que não pode ser jamais licenciada nem jamais autoritária. É uma escola que vive a experiência tensa da democracia (PADILHA, p. 22, 2001).

Segundo a ideia de Padilha (2001), a escola é um espaço privilegiado de consciência e mudança social, cujo objetivo é promover a reflexão e fazer da escola um espaço propício para a difusão de ações que conduzam à mudança da sociedade de modo significativo.

Os temas transversais relacionados à prática interdisciplinar podem auxiliar toda a comunidade escolar a compreender e promover o exercício da cidadania de forma mais significativa. No entanto, compreende-se que praticar todas essas teorias é um grande desafio, mas todo participante da educação deve pelo menos se empenhar em abolir a dicotomia teórica e prática.

Considerando os objetivos dos Temas Transversais, pode-se analisar as habilidades básicas que se projeta no aluno, como falar, escrever, ler, ouvir e processar números e quantidades; além de fornecer aos jovens, ferramentas para participar nas relações culturais, sociais e políticas. Levar em consideração as expectativas dos alunos, pais, membros da comunidade, professores e aqueles que estão diretamente envolvidos no processo educacional;

salvando a autoestima, a persistência do aluno na escola, o sucesso escolar e a aplicabilidade do conteúdo no exercício da cidadania, configuram-se em grandes metas que podem ser alcançadas ou não.

De acordo com a Lei de Diretrizes da Educação Nacional – LDBEN (BRASIL, 1996) a responsabilidade da escola é formar os alunos dentro dos princípios democráticos. “É necessário que o aluno compreenda suas expectativas de vida. Dentro desses padrões, a escola pode proporcionar uma visão de futuro ao permitir os valores vivenciados pela instituição da visão de futuro.

Por fim, é necessário a formação de uma escola democrática que acompanhe a qualidade da relação entre alunos, professores, gestores. A comunidade escolar é a principal responsabilidade na construção de uma escola democrática. A escola democrática sempre mantém o diálogo e busca o respeito e a convivência democrática. No entanto, é importante que o autor principal deste processo esteja sempre atento ao comportamento do aluno na escola.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As pessoas pensam que a educação baseada na prática de cidadania vai além, pois prioriza a verdade absoluta e tem como objetivo acabar com a injustiça e a discriminação de classe, gênero e raça, por meio da participação consciente e ativa, leva-os a fazer intervenções críticas muito importantes.

Com base nessas premissas, pretendia-se apresentar algumas considerações sobre a contribuição de Paulo Freire e suas reflexões sobre o processo educacional.

Como vimos, uma das tarefas da escola contemporânea é promover ações para mudar a vida dos cidadãos com a consciência firme e assim comprovar a sua formação. No entanto, a prática de tal teoria enfrenta muitos desafios. As escolas

de todo o país ainda estão dando passos importantes para garantir práticas baseadas nos princípios da cidadania.

Conclui-se que não há mistério na visão freiriana, não propõem resultados mágicos para os problemas e dificuldades do processo escolar, mas sim uma exploração coletiva das potencialidades do espaço no cenário atual político-pedagógico.

De acordo com a lei, entender a EJA como uma educação voltada a dar oportunidades para quem não atingiu a idade por algum motivo a conclusão dos estudos, percebemos que ainda há muito a ser feito na prática, porque políticas

públicas podem garantir acesso a oportunidades escolares e compreensão pública da escola, mas não a permanência nela.

Dessa forma, a sugestão de Freire, em colaboração com a educação de jovens e adultos, ajuda o educador a perceber que a abordagem de Paulo Freire pode ajudar os alunos da EJA a encontrar maneiras de mudar seu estado atual. Com isso, a importante discutir sobre a cidadania na escola nos permitiu compreender que, mesmo que a instituição educacional tenha passado por diversas mudanças, continua sendo um espaço favorecido para a troca de experiências e saberes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BONIN, Luiz Fernando Rolim. **Educação, consciência e cidadania**. In: Cidadania e Participação Social. 1. ed. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2008, com adaptações.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: Senado Federal, 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm. Acesso em 10 02. 2020.

BRASIL. **Lei nº 9.394** de 20 de dezembro de 1996. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDBEN. Brasília, 1996.

COUTINHO, Carlos Nelson. Notas sobre cidadania e modernidade. **Revista Agora** – Políticas públicas e Serviço Social, Ano. 2, Vol.3, dez. 2005. Disponível em: www.assistentesocial.com.br/agora3/coutinho.doc. Acesso em 10 fevereiro de 2020.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário escolar da Língua Portuguesa**. 2ª edição. Curitiba. Positivo, 2011.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 32ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. **Política e educação**. São Paulo: Cortez, 1997.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 2005, 46ª ed.;

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

PADILHA, R. P. **Planejamento dialógico**: como construir o projeto político pedagógico da escola. São Paulo: Cortez; Instituto Paulo Freire, 2001.

PALUDO, Conceição. **Educação Popular em busca de alternativas**: Uma leitura desde o Campo Democrático Popular. Porto Alegre: Tomo Editorial; Camp, 2001

RIBEIRO, Vera Maria Masagão (Coord.). **Educação para Jovens e Adultos**. Ensino Fundamental – propostas curriculares para 1º segmento. São Paulo: Ação Educativa Brasileira/MEC, 2001.

ROMÃO, J. E. Educação. In. STRECK, D.; REDIN, E.; ZITKOSKI, J. J. (orgs.) **Dicionário Paulo Freire**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008, p. 150-152.

SILVA, Denise Dorneles. **Práticas Educativas com arte dramática**: o sonho e o medo na construção da autonomia. Santa Maria, 2003. 116p.

OS REFLEXOS DAS POLÍTICAS PÚBLICAS NO COTIDIANO EDUCACIONAL

DOI: 10.5281/zenodo.8221461

Cristiane Machado Archangelo¹

RESUMO

O presente texto tem como foco temático os reflexos das políticas públicas no cotidiano educacional. A importância desse tema se inicia pela necessidade de buscar uma educação que forneça garantias e possibilidades reais de crescimento dentro do sistema social, econômico e político em que fazemos parte, a todo e qualquer cidadão, não prevalecendo apenas um belo discurso apregoado em nossas leis. Com isso, objetiva refletir sobre a relação entre o Plano Nacional de Educação e a qualidade do ensino, especialmente como reflexo de políticas públicas no cotidiano educacional. Para fundamentar esse artigo, utiliza-se uma metodologia bibliográfica e qualitativa com o intuito de verificar o problema em questão através da leitura de artigos e livros de autores renomados. Dessa forma, espera-se que haja parceria e comprometimento das políticas públicas, profissionais da educação e população. Dessa forma, a qualidade depende do respeito à ética dos envolvidos no processo.

Palavras-chave: Políticas Públicas. Plano. Educação. Qualidade. Ensino.

THE IMPACT OF PUBLIC POLITICS ON DAILY EDUCATIONAL LIFE

ABSTRACT

This text has as thematic focus the reflexes of public policies in educational daily life. The importance of this theme begins with the need to seek an education that provides guarantees and real possibilities of growth within the social, economic and political system to which we belong, to each and every citizen, not just a beautiful discourse preached in our laws. With this, it aims to reflect on the relationship between the National Education Plan and the quality of education, especially as a reflection of public policies in daily education. In order to base this article, a bibliographic and qualitative methodology is used to verify the problem in question through the reading of articles and books by renowned authors. Thus, it is expected that there will be partnership and commitment from public policies, education professionals and the population. Thus, quality depends on the respect for ethics of those involved in the process.

Keywords: Public Policies. Plan. Education. Quality. Teaching.

¹ Licenciatura em Letras (Português e Inglês) pela Universidade Cruzeiro do Sul – UNICSUL (2000); Professora de Língua Portuguesa pelo Governo do Estado de São Paulo; Professora de Língua Portuguesa pela Prefeitura Municipal de São Paulo.

INTRODUÇÃO

Em tempos de graves crises política e econômica no país, torna-se mais necessário ainda que as questões principais da Educação brasileira sejam discutidas e melhor planejadas nesse amplo debate, afinal o que está em discussão é um projeto de educação.

Atualmente, muito se fala sobre Educação de qualidade, no entanto, é preciso união entre educação, população e governo para almejar um ensino qualificado para todo cidadão brasileiro.

É responsabilidade de todos melhorar a qualidade da educação no Brasil, deve ser consenso de toda a sociedade. Um bom sistema de ensino é fundamental para o desenvolvimento do país, mas ainda temos um percurso muito longo para alcançar esse objetivo.

Para tanto, esse tema se justifica pela necessidade de buscar uma educação que forneça garantias e possibilidades reais de crescimento dentro do sistema social, econômico e político em que fazemos parte, a todo e qualquer cidadão, não prevalecendo apenas um belo discurso apregoado em nossas leis.

Entretanto, para tratar de educação e qualidade de ensino, é necessário falar na formação de professores. A formação teórica e prática dos professores pode ajudar a elevar a qualidade do ensino, pois as transformações sociais vão produzir mudanças no ensino. Assim, questiona-se: Como as políticas públicas na área educacional podem refletir em seu cotidiano, de forma a contribuir com a qualidade do ensino?

Dessa forma, este trabalho teve como objetivo refletir sobre a relação entre o Plano Nacional de Educação e a qualidade do ensino, especialmente como reflexo de políticas públicas no cotidiano educacional.

Acredita-se, porém, que para acontecer uma qualidade total na Educação é preciso que haja parceria e comprometimento das políticas

públicas, profissionais da educação e população. Dessa forma, a qualidade depende do respeito à ética dos envolvidos no processo.

Para fundamentar esse artigo, a metodologia utilizada é a bibliográfica e qualitativa com o intuito de verificar o problema em questão através da leitura de artigos e livros de autores renomados.

CONCEITO DE POLÍTICAS PÚBLICAS EDUCACIONAIS

Podemos definir política pública como sendo uma situação específica da política, esse conceito possui origem nas áreas da administração e da política, no entanto, devido à sua complexidade, sua abrangência é utilizada de várias formas e nas diversas áreas.

Dito de outra maneira, as “Políticas Públicas são a totalidade de ações, metas e planos que os governos (nacionais, estaduais ou municipais) traçam para alcançar o bem-estar da sociedade e o interesse público”. (SEBRAE/MG, 2008, p.5).

Na verdade, as ações escolhidas com prioridade pelos governantes ou tomadores de decisão são ações que eles entendem como requisitos ou expectativas da sociedade.

O secretário de educação desempenha o papel de organizador desse processo. São extremamente capazes de analisar resultados de avaliações externas e da própria escola, portanto, precisam promover o diálogo democrático com a sociedade e realizar investimentos financeiros valiosos com base em um plano estratégico pré-definido.

Brancaleon et al (2015, p.2) dizem que algumas críticas a esses métodos fazem com que superestimem a racionalidade e o caráter processual das políticas públicas, acreditando que

eles ignoram a essência das políticas públicas, ou seja, o conflito entre ideias e interesses.

Outras definições enfatizam o papel da política pública na solução de problemas, uma política pública é uma diretriz elaborada para enfrentar um problema público. Ela pode ser uma orientação à atividade ou passividade de alguém, o que decorrer dessa orientação também faz parte da política pública. (BRANCALEON et al, 2015, p.2).

O Brasil enfrenta enormes desafios na implementação de leis relacionadas à educação. Para atender a todos os requisitos legais, as organizações devem adotar planos bem estruturados, dinâmicos, executáveis, dialógicos, flexíveis e inclusivos para garantir que os serviços de ensino e educação oferecidos sejam de alta qualidade e atendam aos interesses e as necessidades da clientela, por isso é propício ao cidadão brasileiro realizar uma educação de qualidade. Dessa forma,

É importante ressaltar, entretanto, que a existência de grupos e setores da sociedade apresentando reivindicações e demandas não significa que estas serão atendidas, pois antes disso é necessário que as reivindicações sejam reconhecidas e ganhem força ao ponto de chamar a atenção das autoridades do Poder Executivo, Legislativo e Judiciário. (SEBRAE/MG, 2008, p.7).

É importante destacar também a necessidade da participação da iniciativa privada nesse processo. O desenvolvimento social e econômico do Brasil passa por uma mão de obra qualificada capaz de atender às necessidades dos mais variados setores.

O objetivo dessa política é gerar emprego e renda, preservar a cultura local e estabelecer uma mentalidade empreendedora. Dessa forma, os empresários do entorno escolar precisam de funcionários com boa formação e podendo dessa forma colaborar com a educação, proporcionando oportunidades no seu estabelecimento para que

jovens possam praticar e entender os conceitos do dia a dia.

Contudo, sobre políticas educacionais, Oliveira nos diz que:

Se “políticas públicas” é tudo aquilo que um governo faz ou deixa de fazer, políticas públicas educacionais é tudo aquilo que um governo faz ou deixa de fazer em educação. Porém, educação é um conceito muito amplo para se tratar das políticas educacionais. Isso quer dizer que políticas educacionais é um foco mais específico do tratamento da educação (OLIVEIRA, 2010, p. 04).

A qualidade da educação é o resultado das condições que oferecemos, não se mede pela abrangência do conhecimento sistemático aprendido, nem pela solidariedade estabelecida, contudo está inserida no conceito de qualidade da educação, não é apenas conhecimento curricular, mas também uma formação cidadã.

Sendo assim, é necessário contar com diretrizes educacionais claras, conduzidas por um planejamento com estratégias e metas de curto à longo prazo, promovendo uma avaliação periódica em busca de bons resultados. Ao mesmo tempo, é preciso estabelecer uma rede de relacionamentos que, através de toda colaboração, consiga achar novos caminhos para a educação.

PLANO NACIONAL DE EDUCAÇÃO NA GARANTIA DA QUALIDADE DO ENSINO

Desde a era Platão até os dias de hoje, as pessoas viram que criaram um modelo social ideal para salvaguardar a justiça e a igualdade de direitos, estabelecido pela Constituição Federal de 1988, em seu artigo 6º, em conformidade com a Emenda Constitucional nº 90 de 2015. O Estado Democrático espera proteger os direitos sociais, como: saúde, trabalho, alimentação, moradia, educação, lazer, transporte, segurança, seguridade

social, proteção à maternidade e criança, assistência aos pobres e aos indivíduos sem sofrer qualquer forma de preconceito.

Dessa forma, o Inciso III, do Artigo 214 da Constituição Federal estabelece o Plano Nacional de Educação, com durabilidade de dez anos, tendo como meta a articulação do Sistema Nacional de Educação em prol de um regime a colaborar com a definição de diretrizes, metas, objetivos e estratégias de implementação, propondo assegurar a manutenção e desenvolvimento educacional para todos os níveis, etapas e todas as modalidades através de ações integradas nos diferentes esferas dos Poderes Públicos que conduzem a um aumento na educação de qualidade. (BRASIL, 1988).

Considera-se os Planos de Educação como documentos que estabelecem metas com prazo mais estendido para cumprir a garantia do direito à educação de qualidade em todo o Brasil, no período de dez anos. Planejam a organização educacional e envolvem redes municipais, estaduais, federais e as instituições privadas que trabalham em todos os níveis e modalidades da educação: das creches às universidades.

Como a educação é um direito de todos os indivíduos, a Constituição Federal de 1988, determina que deve ser pautada por normas universais e entendida com base nos princípios constitucionais, sendo necessário focar a natureza social do Estado Democrático. Uma atenção especial também deve ser dada à educação, mais especificamente à Educação Infantil e ao Ensino Fundamental.

[...] ao aceitar a possibilidade de transformação ante as contradições do processo educativo, surge a politização da ação administrativa, resultante da sua imersão na totalidade; e a democratização do saber, negando a divisão entre teóricos e executores, passa a aceitar a formação do educador político pronto para assumir sua função política. A rejeição à dicotomia fará educadores conscientes de que não há verdade geral, mas verdades históricas,

socialmente construídas, parciais e provisórias (HORA, 2002, p. 48).

O não cumprimento desta constituição deveria proceder em penalidades a todas as pessoas envolvidas que não promoverem reais possibilidades a seus alunos de alcançarem metas e resultados que comprovadamente garantam a eles o esperado sucesso educacional.

O Plano Nacional de Educação determina a sua elaboração em consonância com os princípios fundamentais da educação brasileira em relação à: I) à erradicação do analfabetismo; (II) à universalização do ensino; (III) à qualidade do ensino; (IV) à formação profissional; e, por fim, (V) para a promoção humana, tecnologia e científica do país.

A regulamentação do Plano Nacional de Educação, determinada pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB/1996 deixou a responsabilidade para a União, em colaboração com os Estados e os Municípios, a obrigação de estabelecer o Plano Nacional de Educação, que foi aprovado pela Lei nº 10.172, de 09/01/2001, com vigência de dez anos.

CAMINHOS PARA EDUCAÇÃO DE QUALIDADE

Considerando que qualidade significa melhorar a vida de todas as pessoas. Na educação a qualidade está voltada ao bem estar de todos que participam da comunidade escolar, assim, não podemos separar a qualidade da educação de forma geral.

De acordo com a ONU, o Objetivo de Desenvolvimento Sustentável número 4 diz que deve “assegurar a educação inclusiva, equitativa e de qualidade, e ainda, promover condições de aprendizagem ao longo da vida”.

No entanto, para que o Brasil tenha uma educação real de qualidade, é preciso programar

uma política pública envolvendo todo o ecossistema educacional, em conjunto com líderes políticos, gestores escolares, professores, pais, alunos, empresas e a própria comunidade do entorno das escolas.

Na perspectiva de Saviani (2008, p.5), é preciso definir a educação como prioridade social e política e começar a investir imediatamente na construção e consolidação de um amplo sistema educacional nacional, pois o investimento em educação tem produzido resultados e proporcionado resultados positivos para o exercício da cidadania.

Para tanto, é preciso pensar na formação do professor sinalizando o futuro e traçando metas mais inovadoras. Percebe-se que a partir de discussões e várias reflexões começam a aparecer outras propostas para a reconstrução da prática pedagógica.

Segundo a LDBEN (BRASIL, 2000, p.7), é necessário dar sentido ao ensino de crianças e jovens para conquistar a reforma das políticas da educação básica, a fim de coordenar com as formas mais modernas de conviver, entender-se com a natureza, construir e reconstruir as instituições sociais.

As mudanças propostas para a Educação Básica no Brasil trazem enormes desafios à formação de professores. No mundo contemporâneo, o papel do professor está sendo questionado e redefinido de diversas maneiras. Para isso concorrem as novas concepções sobre a educação, as revisões e atualizações nas teorias de desenvolvimento e aprendizagem, o impacto da tecnologia da informação e das comunicações sobre os processos de ensino e de aprendizagem, suas metodologias, técnicas e materiais de apoio. (BRASIL, 2000, p.5).

Com políticas públicas bem estruturadas que proporcionem diretrizes claras voltadas para as diversas categorias do ensino com planejamento estratégico e metas bem definidas com avaliação

periódica em busca de bons resultados é um bom caminho para chegar à qualidade no ensino.

Por fim, é preciso investimentos na formação inicial e na formação continuada dos profissionais da Educação em exercício. Muitos professores não conseguem lidar com as emoções em sala de aula, por isso há uma preocupação na qualificação desses professores, uma vez que precisam dominar novos saberes, novos métodos e, principalmente, adequar sua função aos novos tempos, aos novos conhecimentos e às novas tecnologias.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para analisar a educação como fator de mudança social, é necessário buscar incessantemente a oferta de serviços de qualidade, com metas e objetivos claros, e integrar governo, sociedade e instituições educacionais. Olhando para a qualidade dos serviços prestados pela educação na mesma direção, será possível transformar ideais e sonhos em realidade.

É urgente encontrar caminhos para resolver os inúmeros problemas enfrentados na questão das desigualdades sociais que afligem o brasileiro. Sendo assim, não basta superar a falta de emprego, principal fator que aflige a população, mas, em especial, resolver os problemas de desigualdades das classes mais baixas.

Os gestores escolares, da mesma forma, necessitam de muita competência para olhar atentamente em todas as dimensões referentes à rotina da gestão de uma escola e manter boa relação com a comunidade do entorno escolar, e, com isso, decidir da melhor forma as ocorrências do dia-a-dia.

As escolas precisam de educadores bem formados, atualizados que, consigam motivar seus alunos engajando-os num processo de aprendizagem significativa.

É preciso de pais e familiares envolvidos e que prezem por uma vida familiar sadia, demonstrando interesse no aprendizado de seus filhos e que acompanhem a vida das crianças e dos adolescentes sob sua responsabilidade; também é preciso que o próprio aluno se comprometa com sua própria aprendizagem, que se veja no seu próprio processo de formação, que se sinta seguro, motivado e apto a aprender cada vez mais.

Dessa forma, foi possível constatar que ações como: formular políticas públicas coesas, oferecer formação e qualificação especializada para os profissionais que atuam na área e cumprir a legislação para todos os níveis de ensino, bem como planos de financiamento e investimentos que

atendam às reais necessidades das instituições de ensino e a construção de mais escolas, com foco na gestão escolar, além da participação de toda a comunidade escolar no planejamento institucional com envolvimento nas ações desenvolvidas pela instituição, são fundamentais para o alcance de uma educação real de qualidade.

Podemos sonhar com uma educação de qualidade, no entanto, é insano querer qualidade total na educação, porque constantemente nada do que possamos idealizar no mundo real funciona de forma ideal. Por isso, podemos dizer aqui nesse estudo que a qualidade total na educação é uma utopia e não uma realidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRANCALEON, Brígida Batista et al. **Políticas Públicas: conceitos básicos**. Universidade de São Paulo. Abril, 2015.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**, São Paulo: Saraiva, 1998.

BRASIL. **Lei no. 9.394**, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Diário Oficial da União. Brasília. 23 dez. 1996. p. 27.833-27.841.

BRASIL. Ministério da Educação. **Plano de Desenvolvimento da Educação: razões, princípios e programas**. Brasília: MEC, 2007.

HORA, Dinair Leal da. **Gestão democrática na escola**. 9.ed. São Paulo: Papirus 2002.

OLIVEIRA, Adão F. de. **Políticas públicas educacionais: conceito e contextualização numa perspectiva didática**. (In: OLIVEIRA, A. F. de; PIZZIO, A.; FRANÇA, G. (Orgs). *Fronteiras da Educação: desigualdades, tecnologias e políticas*. Goiás: Editora PUC, 2010).

ONU. Organização das Nações Unidas. **Desenvolvimento Sustentável**. Disponível em: <https://nacoesunidas.org>

SEBRAE. **Políticas Públicas: conceitos e práticas**. Série Políticas Públicas. V.7 - Belo Horizonte: Sebrae/MG, 2008.

RELAÇÕES INTERPESSOAIS NO CONTEXTO DO ENSINO FUNDAMENTAL

DOI: 10.5281/zenodo.8221896

Vivan Correia Falconeris¹

RESUMO

Este trabalho nos encaminha a uma reflexão na questão sobre as relações interpessoais no contexto do Ensino Fundamental, ou seja, quando o professor se torna o principal mediador dessa afetividade em sala de aula propiciando a aprendizagem, pode melhorar o convívio do aluno com o professor, permitindo um relacionamento estabelecido entre a amizade e o respeito, desenvolvendo assim o seu próprio progresso físico, psíquico, espiritual e moral. Diante disso, objetiva mostrar que a afetividade é fundamental para a evolução do homem, e para o enfrentamento dos desafios do ensino moral, crítico e autônomo, pois desenvolvendo uma melhor relação em sala de aula, estimulando a autoconfiança, a curiosidade com o intuito de aprimorar o processo educacional, a criança se sente mais estimulada e segura, proporcionando momentos agradáveis em sala de aula. Sendo assim, a metodologia utilizada foi de natureza bibliográfica e de caráter descritiva, fundamentada na leitura, análise e reflexão de livros, artigos, revistas e sites referentes a este tema de forma qualitativa. Assim, conclui-se que a boa relação entre professor e aluno é um dos princípios essenciais para se desenvolver estabilidade no sucesso do ensino aprendizagem, intercedendo às inquietações e as dúvidas pertinentes.

Palavras-chave: Relações Interpessoais. Aprendizagem. Professor. Aluno. Respeito.

INTERPERSONAL RELATIONS IN THE CONTEXT OF PRIMARY EDUCATION

ABSTRACT

This work leads us to a reflection on the question of interpersonal relationships in the context of Elementary School, that is, when the teacher becomes the main mediator of this affectivity in the classroom providing for learning, it can improve the student's coexistence with the teacher, allowing an established relationship between friendship and respect, thus developing their own physical, psychic, spiritual and moral progress. Faced with this, it aims to show that affectivity is fundamental to man's evolution, and to face the challenges of moral, critical and autonomous teaching, because developing a better relationship in the classroom, stimulating self-confidence, curiosity in order to improve the educational process, the child feels more stimulated and safe, providing pleasant moments in the classroom. Thus, the methodology used was of a bibliographic nature and of a descriptive character, based on the reading, analysis and reflection of books, articles, magazines and websites related to this theme in a qualitative way. Thus, it is concluded that the good relationship between teacher and student is one of the essential principles to develop stability in the success of teaching learning, interceding the concerns and pertinent doubts.

Keywords: Interpersonal relations. Learning. Teacher. Student. Respect.

¹ Licenciatura em História pela Universidade Camilo Castelo Branco – UNICASTELO (2013); Licenciatura em Pedagogia pela Universidade Nove de Julho – UNINOVE (2015); Pós-Graduação em Psicopedagogia Institucional pela Faculdade XV de Agosto (2018); Pós-Graduação em Neuropsicopedagogia pela Faculdade Unificada do Estado de São Paulo (2019); Professora de Educação Infantil pela Prefeitura Municipal de São Paulo (2020) e Professora de Educação Básica I pelo Governo do Estado de São Paulo (2020).

INTRODUÇÃO

As crianças vivenciam conflitos familiares e morais no cotidiano, que muitas vezes afetam a construção de valores, principalmente na formação de sua personalidade. Escolas e professores percebem esse tipo de influência na sala de aula por meio da interação diária, e enfrentam baixa autoestima, falta de motivação, sem perspectivas para o futuro e desesperançados, acompanhados de traumas emocionais, que também prejudicam seu aprendizado.

A escola que todos desejam deve ser administrada de acordo com a lógica da construção de um espaço ideal para uma sociedade saudável, uma escola democrática com formação cidadã. É marcada pelo combate à exclusão social, podendo simultaneamente promover as relações escola-aluno-família, possibilitando à comunidade escolar uma participação ativa em todos os interesses relacionados com o bom andamento do ensino, da aprendizagem e do ensino, propiciando a qualidade escolar de forma geral.

Por esse motivo, se justifica por se preocupar com a interação entre professores e alunos, e buscar uma forma de contribuir para tornar a escola um ambiente mais agradável para o relacionamento entre os membros constituintes, que seja propício à aprendizagem em um ambiente afetivo e agradável.

É imprescindível a construção de uma relação entre o professor e o aluno, pois está intimamente ligada à aprendizagem. Sendo assim, esta pesquisa levantou a seguinte questão: Como as relações entre professores-alunos-colegas podem contribuir para o bom convívio e aprendizagem no Ensino Fundamental?

Para tanto, este artigo tem como objetivo mostrar que a afetividade é fundamental para a evolução do homem, e para o enfrentamento dos desafios do ensino moral, crítico e autônomo, pois desenvolvendo uma melhor relação em sala de

aula, estimulando a autoconfiança, a curiosidade com o intuito de aprimorar o processo educacional, a criança se sente mais estimulada e segura, proporcionando momentos agradáveis em sala de aula.

Dessa forma, a metodologia utilizada foi de natureza bibliográfica e de caráter descritiva, fundamentada na leitura, análise e reflexão de livros, artigos, revistas e sites referentes a este tema de forma qualitativa

FAMÍLIA E AFETIVIDADE

A base da sociedade brasileira está baseada nos vínculos familiares, principalmente nas emoções, entende-se que o amor é o principal elo para uma vida plena entre as pessoas, é realizado de forma aberta, contínua e duradoura, mas realizada através de três formas, a saber: aberta, contínua e duradoura. Assim, a família passa a ser a base da sociedade.

Antigamente, a família tinha como base, ligações econômicas, no qual o homem era responsável pelo sustento da família inteira, porém, ultimamente a mulher tem trabalhado e esse costume mudou, fazendo com que houvesse uma mudança na família, pois a mulher começou a ajudar nas responsabilidades financeiras de casa.

De acordo com o avanço, o afeto começou a unir as famílias, e o mesmo se tornou um elemento essencial no vínculo familiar, como principal apoio, sendo considerada a base da sociedade. Desta forma, com o tempo, a família foi se modificando, mudando as medidas que definem as relações de afetividade aos sentimentos de felicidade e amor familiar, cultuando as relações baseadas no afeto.

O Artigo 227 da Constituição Federal de 1988, em seu parágrafo 6º, estabelece que a adoção no Brasil está relacionada e estabelecida como

princípio de igualdade perante os filhos de acordo com a melhor maneira de interesse da criança.

Assim, os Artigos 227 e 229 da Constituição Federativa do Brasil (BRASIL, 1988) consideram que os filhos de criação aceitos pelos pais afetivos devem ser considerados como seus filhos legítimos, visto que se trata de uma opção de acolhimento da respectiva criança no seio familiar. Como isso é importante mencionar que a criança afetiva tem direito a todas as modalidades como o amor e a vontade de ser filho.

Com o novo modelo de família da atualidade, o modo instrumental, ético e solidário, pode ser superado pela peça fundamental, qual seja, o afeto, apresenta-se a contemporânea presença de novas relações familiares, que definem a aplicação de conceitos constitucionais fundamentais na esfera horizontal.

Segundo esta forma de pensar, o afeto relacionado com o princípio da emoção são um dos direitos tidos como referências no direito da família e, neste direito, a afetividade vai além dos sentimentos de gostar ou não gostar. É dado por meio de responsabilidades impostas pela família função social que vai contra os princípios da própria família, portanto, é inadmissível a rejeição e expulsão do filho de casa por conta de o mesmo ter uma orientação sexual oposta do que seja desejado por seus pais ou responsáveis, como podemos identificar em Dias, (2010, p. 71), senão vejamos:

[...] O afeto como valor realiza a dignidade e se afirma como um direito fundamental a ser preservado e protegido nas relações familiares, deixando evidenciar que o princípio norteador do direito das famílias é o princípio da afetividade, porque dele provém o espírito de solidariedade e cooperação, estes capazes de manter a coesão de qualquer célula social. (DIAS, 2010, p.71).

Nessas circunstâncias, as pessoas acreditam que quando é necessário esclarecer conflitos que podem envolver as relações entre

pais e filhos, o vínculo afetivo é o mais importante, ou seja, o vínculo afetivo é a base para o estabelecimento de direitos na busca pelo bem-estar dos filhos.

Por conta disso, seja qual for a situação a filiação afetiva não de desmanchará porque a família é o essencial para que qualquer indivíduo se forme. Ainda não existe um meio termo, significativamente, dessa nova forma de filiação, porém a Constituição Federal de 1988 descreve a igualdade entre os filhos, sendo a mesma acima de outra qualquer legislação.

Caracterizado pela ação de ter uma naturalidade humana relacionada às características que a concretizem, tornando os indivíduos capazes de aproveitar seus sentimentos e emoções dentro que do que é aceitável pela sociedade relacionando-se de maneira saudável com outras pessoas através da afetividade.

Dessa forma, para que funcionalidade familiar aconteça, deve haver solidariedade, cooperação, priorizando uma concepção social de família, mostrando laços verdadeiros de família, também que haja concepção democrática, igualitária, por meio de aspectos sócio afetivos e através de um caráter que busque sempre a felicidade nas relações familiares e constituintes de uma sociedade que seja justa e igualitária constitucionalmente.

Portanto, para que as relações de afetividade se perpetuem no seio familiar, é de grande valor que haja troca de afeto, amor e gratidão, ou seja, sentimentos positivos, porém também podem haver sentimentos negativos como agressividade, fracasso e perdas, para que todo indivíduo tenha experiências tanto positivas e agradáveis quanto negativas e desagradáveis, o que é um processo natural de experimentação de sentimentos para a formação de sua personalidade.

A IMPORTÂNCIA DA AFETIVIDADE NA RELAÇÃO COM O PROFESSOR

Para as crianças, independentemente da idade, a relação mais importante é a relação afetiva com o professor em sala de aula. Quando há cumplicidade entre eles, a participação torna-se muito mais fácil e melhor, portanto, o processo de ensino e aprendizagem também segue.

Saltini (2008, p.100) acredita que as relações entre professor e aluno muitas vezes estão presentes no dia a dia na sala de aula, essa interação entre os sujeitos proporciona melhor a construção do conhecimento e facilita a aprendizagem num ambiente de confiança e aproximação dos seres.

A boa relação de afetividade do professor e sua sensibilidade poderão interferir na conduta de seus alunos. O aluno percebendo certas qualidades no professor, como, paciência, dedicação, atitudes democráticas e vontade de ajudar faz com que a aprendizagem seja mais fácil e muito mais prazerosa.

De acordo com Saltini (2008, p.100) uma boa relação entre professor-aluno é um dos principais amparos afetivos do conhecimento, o referido autor complementa que:

[...] o professor serve de continente para a criança. Pode-se dizer, portanto, que o continente é o lugar onde podemos depositar nossas pequenas construções e onde elas são acolhidas e valorizadas, tal qual um útero acolhe um embrião. A criança deseja e necessita ser amada e aceita, acolhida e ouvida para que possa viver da curiosidade e do aprendizado. (SALTINI, 2008, p.100).

Pode-se dizer que esse continente referido pelo autor possa ser um lugar ou uma pessoa, no caso o professor, onde o aluno pode confiar e se amparar, com certa confiança em depositar seus sonhos, suas conquistas e suas ambições, pelo fato

de se sentir amada e bem aceita em determinado meio.

Assim, para alunos e professores deve existir uma troca de participação ativa para que haja a cumplicidade, no processo ensino-aprendizagem, ambas as partes têm seu papel e sua responsabilidade nessa tarefa, as duas partes são peças fundamentais nesse processo, para tanto, um deve acreditar no outro a ponto de haver liberdade para expor o que se pensa sobre todos os assuntos tratados na aula. O aluno é um ser pensante, portanto, deve expor seu ponto de vista a respeito do que quer que seja, ele deve participar mais ativamente das aulas e dos conteúdos proporcionados pelo professor.

Este é um dos motivos pelos quais a construção realizada pelos alunos não pode ser realizada socialmente e assim o ensino escolar precisa ser visto como um processo conjunto, compartilhado, no qual o aluno, ajudado pelo professor e por seus colegas, pode mostrar-se progressivamente autônomo na resolução de tarefas, na utilização de conceitos, na prática de determinadas iniciativas em inúmeras questões. (ANTUNES, 2002 p. 87).

Para tanto, a afetividade é a força motriz mais complexa que o ser humano pode enfrentar, ao mesmo tempo em que os indivíduos se conectam com os outros por meio do amor, o que constitui um amplo aspecto de sentimentos relacionados à história das relações sociais. A criação de vínculos afetivos deve ser compartilhada para fortalecer outros vínculos.

O afeto é uma forma intermediária de aprendizagem do aluno e sempre desempenha um papel importante no ensino escolar. Esta forma de educação afetiva ou emocional é sempre acompanhada por outras formas de aprendizagem. Também podemos apontar que qualquer aprendizado está intimamente relacionado à vida afetiva, por isso, as escolas não devem diminuir a vida afetiva, mas devem expandir e fortalece-la

para criar um ambiente saudável para essas crianças em formação.

O professor deve intervir nos conflitos que surgem em sala de aula, que nem sempre se referem ao aspecto pedagógico. O professor precisa ter clareza das muitas influências que o afetam e ao seu aluno, tornando sua prática diferente através desse desafio em especial. Segundo Ranghetti (2002):

Sentir e viver a afetividade na educação, [...], suscita que nosso eu adentre a sala de aula, inteiro, para desvelar, descobrir e sentir as manifestações presentes nas interações, relações e reações que os sujeitos estabelecem/manifestam na ação de educar. É ampliar o olhar e a escuta na tentativa de captar da expressão/comunicação destes seres o revelar do seu eu, sua inquietude, dificuldade e possibilidade que expressa na ação de aprender e de ensinar. Uma ação consciente, partilhada e envolvente, visto que os sujeitos devem se apresentar inteiros para que esta ação seja significativa e com sentido à sua existência. (RANGHETTI, 2002, p.87).

Na verdade, parece que quando o professor desenvolve uma postura autoritária, as aulas não ficam tão proveitosas e os alunos não conseguem entender e desenvolver o conteúdo trabalhado, provocando assim no aluno o desinteresse pelas aulas. Contudo, para que o professor consiga despertar o interesse e curiosidade dos alunos, deve acompanhar as ações no desenvolvimento das atividades em suas aprendizagens.

Portanto, é certo que a interação entre professores e alunos pode e deve acontecer de forma amigável e respeitosa, tornando assim mais agradável o processo de ensino entre professores e alunos, sem esquecer que ambos devem cumprir seu papel. Nesse processo, é necessário estabelecer uma sala de aula baseada no respeito e na responsabilidade para mostrar a importância de respeitar o espaço e o conhecimento do outro.

Quando a criança conhece a si mesmo e também seu professor estabelece um vínculo que

enaltece o processo educativo, dessa forma estabelecem uma aprendizagem significativa com base na formação do desenvolvimento da personalidade humana que induza a todas as dimensões da vida. Dessa forma, o professor pode trabalhar melhor com suas limitações, além de propor oportunidades para melhorar o rendimento escolar dos seus alunos.

AS CONTRIBUIÇÕES DA AFETIVIDADE NO CONTEXTO ESCOLAR

No ambiente escolar, as crianças costumam buscar relações que não podem ser encontrados na família com sua família, como amizade, carinho, compreensão, e muitas vezes os encontram no círculo de amigos ou mesmo com o professor. Além da relação professor-aluno, existem outras relações no ambiente escolar.

As escolas precisam estar cientes dessas dificuldades emocionais dentro e fora da escola, e ajudar seus alunos a criar um ambiente de respeito mútuo com outros colegas, pois a amizade é o caminho para um bom processo de aprendizagem. A relação afetiva estabelecida na escola pode ter um efeito emocional, mas para muitas crianças também pode ser muito difícil e contraditória.

Atualmente existe uma cultura de desvalorização relacionada às emoções, não há interação cotidiana entre razão e emoção, isso faz parte da vida humana, mas as pessoas não entendem que esse sistema racional estabelecido é emocional. (MATURANA, 1999, p.15).

As relações de afetividade no espaço escolar podem desenvolver problemas como desilusão, desencanto e impotência por causa de muitos problemas cotidianos entre as crianças e adolescentes do contexto escolar. A sala de aula é um lugar de vivência, convivência e relações de ensino, um espaço criado num contexto de diversidade e heterogeneidade, ideias, valores e

crenças, que podem ser positivos e negativos ao mesmo tempo.

Segundo Maturana (1999, p.32), toda forma de preconceito, social, religioso, racial, de gênero ou qualquer outro, deve ser questionado, criticado e banido do espaço escolar se quisermos educar para a diversidade e o respeito de si mesmo, que consiste na aceitação e no respeito do outro.

De acordo com o Referencial Curricular Nacional (1998, p.33):

O processo que permite a construção de aprendizagem significativa pelas crianças requer uma intensa atividade interna por parte delas. Nessa atividade, as crianças podem estabelecer relações entre novos conteúdos e os conhecimentos prévios (conhecimentos que já possuem), usando para isso os recursos que dispõem. Esse processo possibilitará a elas modificarem seus conhecimentos prévios, matiza-los, amplia-los, ou diferencia-los em função de novas informações, capacitando-as a realizar novas aprendizagens, tornando-as significativas. (BRASIL, 1998, p. 33).

Cada criança tem suas próprias características, têm aquelas mais tímidas, que demoram um tempo para interagir com o grupo, elas precisam de mais estímulos para garantir a interação. Em parte, outras crianças são bastante agitadas e podem interagir com mais facilidade com outras pessoas, no entanto, depende do intelecto de cada uma, umas são menos e outras são mais educáveis e isso pode acontecer da aprendizagem ser menor ou maior, de acordo com o nível intelectual de cada uma. Na interação entre as crianças, o professor é o mediador e promove o relacionamento respeitoso entre os grupos.

A educação não se resume apenas à transmissão de saberes, é necessário ensinar a criança a relacionar-se com o mundo e, conseqüentemente, com a sociedade de modo amplo, de forma autêntica e satisfatória com as várias relações sociais (templo religioso, família, amigos) que adquire no transcorrer da sua vida, podendo ser antes, durante ou depois da vida

escolar. Na percepção de Alves e Garcia (2001), para que a educação possa ser efetiva é necessária uma postura para além do discurso, ou seja, é necessária a prática, a experiência em sala de aula e fora dela.

A formação do aluno jamais acontecerá pela assimilação dos discursos, mas sim por um processo microssocial em que ele é levado a assumir posturas de liberdade, respeito, responsabilidade, ao mesmo tempo que percebe essas mesmas práticas nos demais membros que participam deste microcosmo com que se relaciona no cotidiano. Uma aula de qualquer disciplina se constitui, assim, em parte do processo de formação do aluno, não pelo discurso que o professor possa fazer, mas pelo posicionamento que assume em seu relacionamento com os alunos, pela participação que suscita neles, pelas novas posturas que eles são chamados a assumir. (ALVES; GARCIA, 2001, p. 20).

As relações de afeto e a autoestima são aspectos relacionados no mundo escolar, que estabelecem um vínculo entre alunos e professores, mas deve-se dar mais ênfase ao primeiro ano escolar das crianças, nesse momento elas podem se sentir mais à vontade e serem reconhecidas pelo professor como amigo afetuoso.

O professor media a sala de aula para que as relações de afetividade aconteçam através de interações entre os alunos e entre professor e alunos, dessa forma, os alunos se sentem confiantes com eles mesmos, com os outros, e, conseqüentemente, com o professor, assim, a aprendizagem pode acontecer de forma mais dinâmica, agradável e interativa, estabelecendo a troca de conhecimentos e saberes em os agentes participantes desse processo.

Assim, o professor deve trabalhar e inserir o afeto com seus alunos em sala de aula, no entanto, de forma madura e responsável, pois afeto não se trata somente de beijos e abraços ou ainda tratamento de forma agradável, mas procurando ter atenção com aquela criança, tentando entender suas dificuldades e procurar ajudá-la a resolver,

quer dizer tomar atitudes que faça a diferença na vida da criança, seja ela emocional ou mesmo dentro de sua própria aprendizagem.

Para tanto, quem consegue estabelecer relações aprende a fazê-lo independente do contexto e, portanto, pode fazer uso disto na escola e principalmente na vida. Segundo Freire (1996, p. 96), o bom professor é aquele que consegue falar e trazer o aluno até a sua intimidade do acontecimento do seu pensamento. Sua prática de aula é, assim, um obstáculo e não uma canção de ninar.

Cabe ao professor cuidar da criança em todas as suas atividades, estimulando-a e ajudando-a para melhor desenvolvimento e envolvimento em suas ações e de seu aprendizado.

O ato de afetividade no ambiente escolar auxilia no desenvolvimento do processo de ensino, portanto, o professor que se compromete com o conhecimento do aluno, além de difundir o conhecimento, aprende a ouvir e compreender o aluno, promovendo relações de comunicação. Quando essa relação se desenvolve no afeto, no respeito, no diálogo, na limitação e pela confiança, torna-se fonte de desenvolvimento e satisfação para ambas as partes, seja para alunos ou professores.

Barbosa (2001, p.100) afirma que: [...] é preciso discernimento para aprender, é necessário ter vínculo afetivo positivo com o conceito a ser adquirido, um local que leve em consideração os aspectos do indivíduo, do professor e do aluno, e a função social do ensino/aprendizagem.

Dessa forma, no momento em que o afeto é valorizado na escola, pode proporcionar muitos benefícios para os agentes do contexto, aos professores, pode trazer confiança, sensibilidade e a artimanha necessária para compreender os alunos na escola, sobre seus sentimentos em alguns momentos e sobre suas habilidades e competências para solucionar eventuais problemas conflituosos. Aos alunos, apenas pelo fato de serem valorizados e respeitados como seres

humanos pode elevar sua autoestima e disposição para a compreensão e cooperação entre todos, professores e demais colegas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As relações interpessoais no contexto do Ensino Fundamental foi um tema escolhido pelo fato de estar intimamente ligado a todo processo educacional de modo geral, no entanto, esse tema colabora com a reflexão sobre a prática docente em suas aulas, tendo como tarefa manter a afetivamente com seus alunos.

Com isso, este artigo tem como justificativa a preocupação com a interação entre professor-aluno, buscando uma forma de colaborar para que a escola seja um local de relações mais toleráveis entre os seus componentes, favorecendo assim a aprendizagem num ambiente afetivo e prazeroso.

Também foi possível refletir sobre o papel do professor numa relação de troca contribuindo na valorização da afetividade no processo educacional. Desta forma, mostrou que a escola, mas principalmente os educadores, é uma função social importante, e os alunos devem ser compreendidos dentro da dimensão humanística afetiva e do conhecimento.

Através dessa reflexão, constata-se que as relações interpessoais ajudam a mediar a aprendizagem, não só podem melhorar o desempenho educacional, mas também melhorar o relacionamento interpessoal, fortalecer os laços de amizade, respeito, amizade, união, generosidade e confiança. E representa um aspecto importante do processo de aprendizagem, que se baseia no respeito mútuo, no diálogo e principalmente na influência mútua.

Sob essa premissa, pode-se dizer que a escola é um ambiente que pode agregar muitas coisas às crianças. Os eventos vividos na escola e

na vida social podem afetar muitos fatores positivos ou negativos.

Sendo assim, os resultados deste artigo podem ser usados como um guia para ações que possam ajudar a conscientizar as necessidades de mudança no Ensino Fundamental, pois a afetividade pode ser considerada como mais um recurso didático na aprendizagem, e, portanto, também deve ser considerada uma abordagem capaz e responsável para os educadores,

especialmente na intervenção de problemas de aprendizagem.

Dessa forma, é possível proporcionar momentos de aprendizagem importantes para educadores e alunos de diversas maneiras, no sentido de que esta é uma realidade a ser construída por meio de políticas públicas de educação e práticas pedagógicas eficazes, preocupadas sempre com a sociedade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES N.; GARCIA R.L. **O sentido da escola**. 3^a.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

ANTUNES, Celso. **Professor bonzinho** = aluno difícil. 4^a Ed- Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

BARBOSA, Laura Monte Serrat. **A psicopedagogia no âmbito da instituição escolar**. Curitiba: Expoente, 2001.

BRASIL, **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF.: Senado, 1988.

BRASIL. MEC. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Secretaria de Educação fundamental – Brasília: MEC/SEF, 1998, p. 33.

DIAS, Maria Berenice. Manual de Direito das Famílias. 8. ed. São Paulo: **Revista dos Tribunais**, 2010.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: Saberes necessários à prática educativa. Coleção leitura. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

MATURANA, Humberto. **Emoções e Linguagem na Educação e na Política**. Belo Horizonte: UFMG, 1999.

RANGHETTI, Diva Spezia. **Afetividade**. In: FAZENDA, Ivani. Dicionário em Construção: Interdisciplinaridade. 2.ed. São Paulo: Cortez, 2002. p.87-89.

SALTINI, C. J. P. **Afetividade e inteligência**. 5^a ed. Rio de Janeiro: Wak, 2008.

TEORIA DO CONHECIMENTO DO DESENVOLVIMENTO INFANTIL

DOI: 10.5281/zenodo.8221959

Vivian Correia Falconeris¹

RESUMO

O referido artigo sobre teoria do conhecimento do desenvolvimento infantil tem como objetivo sistematizar as noções da Epistemologia que fundamenta a ação de conduta de reação total do indivíduo a partir das etapas do desenvolvimento infantil. Dessa forma, expressa o fato de que todo conhecimento está associado a uma ação, e o conhecimento de que um objeto ou fenômeno os está utilizando e assimilando-os ao plano de ação do sujeito, permite compreender que essa é uma proposta epistemológica. Para tanto, realiza uma pesquisa a partir de uma metodologia bibliográfica, traçada a partir uma pesquisa aplicada, tendo como fundamentos a reflexão de livros, artigos e revistas, e por base em pesquisas de grandes autores com referência ao tema de forma qualitativa. Diante disso, constata-se que, dentre as teorias do conhecimento existentes, a epistemologia genética pode ser a mais completa. Isso está completo, não apenas porque abrange a aquisição de conhecimento do nascimento à idade adulta, mas também porque tenta responder o que é o processo de aquisição.

Palavras-chave: Epistemologia Genética. Desenvolvimento. Criança.

KNOWLEDGE THEORY OF CHILD DEVELOPMENT

ABSTRACT

This article on knowledge theory of child development aims to systematize the notions of Epistemology that underlies the action of total reaction behavior of the individual from the stages of child development. Thus, it expresses the fact that all knowledge is associated with an action, and the knowledge that an object or phenomenon is using them and assimilating them to the subject's plan of action, allows us to understand that this is an epistemological proposal. For this purpose, it carries out a research based on a bibliographic methodology, drawn from an applied research, based on the reflection of books, articles and magazines, and based on research by great authors with reference to the subject in a qualitative manner. In view of this, it is evident that, among the existing theories of knowledge, genetic epistemology can be the most complete. This is complete, not only because it covers the acquisition of knowledge from birth to adulthood, but also because it tries to answer what the process of acquisition is.

Keywords: Genetic Epistemology. Development. Child.

¹ Licenciatura em História pela Universidade Camilo Castelo Branco – UNICASTELO (2013); Licenciatura em Pedagogia pela Universidade Nove de Julho – UNINOVE (2015); Pós-Graduação em Psicopedagogia Institucional pela Faculdade XV de Agosto (2018); Pós-Graduação em Neuropsicopedagogia pela Faculdade Unificada do Estado de São Paulo (2019); Professora de Educação Infantil pela Prefeitura Municipal de São Paulo (2020) e Professora de Educação Básica I pelo Governo do Estado de São Paulo (2020).

INTRODUÇÃO

A Psicologia do Desenvolvimento estuda as transformações no ser humano durante algumas fases da vida, ela se baseia na compreensão do processo de desenvolvimento e usam teorias e descobertas para mudar o comportamento humano.

Contudo, a Epistemologia Genética busca saber a forma de aquisição do conhecimento, ela consiste na concepção da teoria do conhecimento desenvolvido pelo biólogo suíço Jean Piaget, é uma área científica que utiliza métodos de compreensão e preservação do conhecimento através de métodos científicos.

No início do desenvolvimento da Epistemologia Genética e da psicologia, a linguagem era entendida como o grande revelador da lógica. No entanto, o estudo e a análise do comportamento das crianças fizeram Piaget perceber a existência da estrutura lógica na qual seu comportamento se baseava, em vez de ficar inconsciente para as crianças, e seu desenvolvimento será, em última análise, a estrutura lógica do próprio pensamento.

A ação começa a ocupar o centro de pesquisa e análise piagetiana, que a vê como a base da inteligência. Para tanto, devido à importância dos planos de ação como fundamento do conhecimento e sua estrutura, ele já começou desde a idade tenra das crianças, por isso acreditamos que é necessário aprofundar as pesquisas relacionadas a esses planos de ação e sua relação com a forma de aquisição de conhecimento, especialmente o conhecimento da epistemologia genética e psicologia.

Este trabalho tem como objetivo sistematizar as noções da Epistemologia que fundamenta a ação de conduta de reação total do indivíduo. Dessa forma, expressa o fato de que todo conhecimento está associado a uma ação, e o conhecimento de que um objeto ou fenômeno os

está utilizando e assimilando-os ao plano de ação do sujeito, permite compreender que essa é uma proposta epistemológica.

Para tanto, realiza uma pesquisa a partir de uma metodologia bibliográfica, traçada a partir uma pesquisa aplicada, tendo como fundamentos a reflexão de livros, artigos e revistas, e por base em pesquisas de grandes autores com referência ao tema de forma qualitativa.

TEORIA DA EPISTEMOLOGIA GENÉTICA

Jean Piaget é o representante principal da psicologia da aprendizagem, concentra suas pesquisas na estrutura cognitiva e defende a noção de que o saber não existe: o nome significa um conjunto de habilidades intelectuais hierárquicas, dessa forma necessita-se de uma perspectiva científica mais abrangente.

O objetivo era estudar a evolução do pensamento infantil até a adolescência, tentando entender os mecanismos psicológicos que a pessoas usam para entender o mundo. O pesquisador realizou muitos estudos que formaram a essência do construtivismo, suas resoluções foram utilizadas por psicólogos, e aceitaram e aceitam várias explicações e sugestões de ensino subsequentes. Piaget via a criança como um ser vibrante e sempre interage com a realidade.

Segundo sua teoria chamada "epistemologia genética", desde o nascimento dos seres humanos até os vários estágios do desenvolvimento cognitivo, com isso, ele desenvolveu quatro estágios: sensório, pré-operacional, operacional concreto e operacional formal. Ele achava que essas etapas deveriam ser concluídas de maneira linear, o conhecimento foi estabelecido pelos indivíduos por meio de ações, portanto o ambiente e o conhecimento inato não afetaram esse desenvolvimento. Seu trabalho foi

principalmente observacional, assim, ficou conhecido por usar termos como assimilação e acomodação.

A epistemologia genética está mais preocupada em explicar a ordem da herança, onde diferentes habilidades cognitivas são estabelecidas. A capacidade cognitiva acontece pelo fato de que a ocorrência contínua surge principalmente porque as habilidades adquiridas pelo sujeito em sua vida são priorizadas por outros.

De acordo com Piaget (1972), inteligência é adaptação que satisfaz o próprio conceito de adaptação, quando o organismo muda de acordo com as mudanças ambientais, transformando a troca entre o próprio organismo e o meio. Eles ajudam a proteger o meio, de modo que a inteligência absorve novos dados desse meio e os resultados de ajustes, modificações e adaptações feitas pelo próprio objeto.

O argumento de que inteligência é adaptação nos permite considerar a continuidade entre o processo biológico da morfogênese e a adaptação ao meio na construção do sujeito cognitivo, segundo Piaget (1972), consiste da seguinte forma: no momento decisivo do desenvolvimento humano, especialmente com o surgimento da linguagem, a inteligência não aparece repentinamente, porque é uma estrutura totalmente montada e completamente diferente de seus antecessores. Mas isso é o oposto, isto é, a inteligência é baseada na construção gradual da estrutura biológica genética.

Castorina acredita que o conhecimento é um processo interativo do comprometimento do indivíduo com o meio em decorrência das etapas das quais Piaget designa por estágios do desenvolvimento que demonstram interações sujeito/meio na construção do conhecimento (Castorina, 2001).

A interação entre organismos e o meio ocorre através do processo de adaptação, que inclui assimilação e acomodação. Ocorre em diferentes níveis, nos níveis artístico e filosófico,

do mais básico ao mais detalhado, como a comunicação simbólica.

Nessa interação com o ambiente, a estrutura psicológica (isto é, as pessoas devem entender a organização do mundo) pode se ajustar para atender e se adaptar às necessidades e singularidades do objeto, ou seja, a estrutura psicológica muda de acordo com a situação, durante esse processo, Piaget estabeleceu acomodações.

A adaptação é uma mudança de comportamento, não apenas uma resposta a certos estímulos, porque a capacidade de alterar a estrutura mental mostra claramente que mesmo a resposta mais simples não é apenas um processo mecânico. A adaptação é a fonte do processo de aprendizagem.

Quando o sujeito entra em contato com um objeto desconhecido, ele pode entrar em conflito com o objeto, ou seja, no processo de assimilação, coisas novas às vezes têm certa resistência ao conhecimento e, para entender o objeto, o objeto precisa modificar sua psicologia, estruturar e adaptar-se a eles. Piaget chama isso de processo de equilíbrio das mudanças.

No conceito piagetiano, a inteligência deve ser vista como um equilíbrio entre assimilação e acomodação e, às vezes, expressa como duas funções opostas: a assimilação é ordenada por um sujeito com conhecimento e a acomodação é um requisito para o meio. Por fim, a primeira versão da teoria do equilíbrio, Piaget não indicou claramente como reconhecer a adaptação e a assimilação se elas estiverem em equilíbrio.

Considerando que a formação da capacidade cognitiva ocorre continuamente e tentando explicar essa herança, a epistemologia genética pode ser rastreada até a origem e mostra que não há ponto de partida absoluto. O problema dela é o desenvolvimento do conhecimento.

Além disso, de acordo com esse conceito, esse desenvolvimento não ocorre linearmente, mas um estágio de desenvolvimento estabelecido por

saltos e rupturas. Cada um desses estágios representa com precisão a lógica da estrutura mental, e um estágio superior que apresenta outro tipo de lógica do conhecimento superará fundamentalmente essas lógicas.

ESTÁGIOS DO DESENVOLVIMENTO INFANTIL

Em relação ao estudo do desenvolvimento da vida, parece que simples tentativas dos bebês de tocar ou mover objetos apontaram mudanças importantes na capacidade de interagir.

Ao falar sobre o crescimento de uma criança, ele geralmente se concentra em observar seu desempenho em atividades que conseguiu concluir. Há uma tendência de reconhecer se você sabe fazer loops, pular corda, reconhecer cores ou usar conceitos corretamente, sem prestar atenção ao processo que gradualmente causa esse aprendizado. A teoria de Vygotsky (1998) contrasta essa visão ao enfatizar o surgimento de sementes do desenvolvimento, isto é, o que resta determinar na trajetória pessoal de cada indivíduo.

No estágio Sensório-Motor (do nascimento aos 2 anos): os recém-nascidos são capazes de aprender através de associações. A rede cognitiva permite que os bebês busquem estímulos e interajam com os adultos. Dentro de 2 a 3 semanas, a fluência modal cruzada será desenvolvida - a capacidade de reconhecer as características invariantes dos estímulos que ele percebe e a capacidade de interpretar essas características por meio de modalidades sensoriais

Um desenvolvimento importante nesta fase é o aumento da consciência da permanência dos objetos. Durante os 12 meses e os 18 meses de vida, a criança parece não perceber que as coisas continuam a existir, mesmo que não existam mais em sua visão.

Sendo assim, a criança começa a pensar. Para Piaget, os pensamentos estão intimamente

relacionados aos planos de movimento, ao conceito de objetos e suas características, também imita o que vê acontecendo ao seu redor. No final da fase sensório-motora, outras estruturas cognitivas são desenvolvidas, e a criança começa a se distinguir de outras coisas ao seu redor e adquire o conceito de tempo e espaço. É durante esse período que a criança começa a conversar.

No estágio Pré-Operatório (2 a 6 anos): o desenvolvimento cognitivo é cada vez mais dominado por atividades simbólicas: nessa atividade, a criança se torna capaz de usar símbolos para representar ações e pode representá-las por si mesma, ou seja, começa a internalizar ações.

Com o desenvolvimento das habilidades de linguagem, as crianças têm os chamados sinais, ou seja, sons, embora não tenham uma relação específica com os objetos, ainda são usados para representá-los.

O pensamento inicial é obviamente egocêntrico, porque ao integrar o mundo externo aos desejos e seu próprio mundo interior, ele não pode se colocar aos olhos dos outros.

Esse tipo de egocentrismo se manifesta de maneira proeminente em jogos icônicos, nos quais um palito ou uma caixa perde seu significado objetivo de simbolizar o desejo das crianças. O uso da linguagem também permite que ele troque informações com outras pessoas, mas devido ao egocentrismo da criança, na verdade não há diálogo. Mesmo quando brinca com outras crianças, acontece que todo mundo fala por si e não está interessado nas reações de outras pessoas.

Por fim, a capacidade de perceber a proteção em todos os aspectos não acontece ao mesmo tempo. Por exemplo, a conservação de quantidade ou volume não ocorre na mesma idade.

As Operações Concretas (6 a 11 anos) permitem que as crianças alcancem um sistema simbólico de organização e pensamento coerente, permitindo-lhes prever e controlar o ambiente. O pensamento infantil faz um grande progresso,

tornando-se não mais egocêntrico, e as crianças desenvolvem a capacidade de mostrar dispersão e reversão.

O que se segue é proteção, nesse caso, a proteção da matéria ocorre primeiro entre as idades de sete e oito, depois a conservação do peso e a conservação do volume.

Nesse estágio, as crianças também desenvolvem a capacidade de agrupar, podem identificar os membros da classe lógica real e, assim, organizar objetos e eventos em grupos de acordo com suas características definidoras comuns. Através desse agrupamento, eles podem encontrar significado em suas experiências, resolver problemas e avançar para um mundo mais realista e preciso.

Finalizando, nas Operações Formais (a partir dos 12 anos), todos chamamos de adolescência. Agora, as crianças podem seguir a forma de argumentos ou formular hipóteses sem a experiência real de objetos ou situações específicas nas quais se baseavam anteriormente.

Também começa a entender conceitos individuais ou categorias isoladas nos estágios iniciais do desenvolvimento, e eles sabem que podem depender um do outro em alguns casos.

O adolescente começa a desenvolver um raciocínio dedutivo hipotético, porque é capaz de formular hipóteses e fazer inferências a partir dos resultados, expandindo assim a compreensão do material que está sendo processado.

Wadsworth (1996) lembra que durante o período formal de operação, quando essas operações são totalmente desenvolvidas, não há mudança estrutural no raciocínio. É importante notar que adultos e adolescentes que raciocinam com ações formais usam o mesmo processo de pensamento lógico.

Dessa forma, compreender o desenvolvimento humano da perspectiva desse teórico fornece uma base importante para acompanharmos o crescimento de cada criança e

moldarmos as ações de ensino adequadas para cada idade.

CONCEPÇÃO DA TEORIA VYGOTSKYANA

Em relação ao estudo do desenvolvimento da vida, parece que simples tentativas dos bebês de tocar ou mover objetos apontaram mudanças importantes na capacidade de interagir.

Ao falar sobre o crescimento de uma criança, ele geralmente se concentra em observar seu desempenho em atividades que conseguiu concluir. Há uma tendência de reconhecer se você sabe fazer loops, pular corda, reconhecer cores ou usar conceitos corretamente, sem prestar atenção ao processo que gradualmente causa esse aprendizado. A teoria de Vygotsky (1998) contrasta essa visão ao enfatizar o surgimento de sementes do desenvolvimento, isto é, o que resta determinar na trajetória pessoal de cada indivíduo.

Como vai além da fórmula que prioriza o nível real de desenvolvimento, foi premiado com o conceito de Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP), o que significa entender o processo de desenvolvimento e aprendizado. O ZDP é concebido da perspectiva do diálogo (comunicação) e do centro não étnico, que é o resultado da interação formada pela interação cultural, que estabelece áreas potenciais de desenvolvimento por meio da interação. Quando o ZDP é considerado um espaço que deve desempenhar claramente um papel entre os níveis de desenvolvimento real e potencial, fornece um parâmetro para a prática educacional (Coll, 1994).

Portanto, esclareceu que a construção da escrita foi realizada em ordem sistemática de apresentação e posteriormente compilada de acordo com a língua materna. Nesse sentido, o professor passa do comunicador do processo para o intermediário, responsável por organizar situações desafiadoras e promover a troca de

conhecimentos e o progresso no processo de construção do processo, sugerindo reconstrução. O comportamento (intervenção) do professor na zona de desenvolvimento potencial do aluno (ZDP) pode fazê-lo refletir e aprofundar sua compreensão do objeto envolvido.

A descentralização é um conceito altamente valorizado por Elkonin (1998) e está relacionado à superação do egocentrismo cognitivo. Para o autor, Vygotsky propôs que, por meio de negociações constantes, as crianças abandonam a verdade absoluta para desenvolver e melhorar seu pensamento relativo, para que as crianças possam questionar suas crenças, respeitar as opiniões dos outros e autoavaliar suas próprias. Comportamento, habilidades e atitude.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em vista do exposto, a Epistemologia Genética de Piaget é essencialmente baseada no objetivo da construção da inteligência e do conhecimento, que não se resume apenas a ser como um homem sozinho ou que acumulam conhecimentos juntos ou através de processos e etapas para esse fazer.

Assim como a palavra "genética" no título da teoria implica a evolução da aquisição de conhecimento, Piaget e sua equipe identificaram quatro estágios de desenvolvimento experimentados pelos sujeitos no desenvolvimento do conhecimento descrito por ele.

Além de características cognitivas proeminentes, constatou-se também nesse estudo que existem fatores afetivos inegáveis, ou seja, não é fácil explicar o ponto de vista de uma pessoa, conhecer outra pessoa e encontrar uma saída satisfatória para ambas as partes.

Dentre as teorias do conhecimento existentes, a epistemologia genética pode ser a mais completa. Isso está completo, não apenas porque abrange a aquisição de conhecimento do nascimento à idade adulta, mas também porque tenta responder o que é o processo de aquisição.

Portanto, conclui-se que Piaget acredita que o desenvolvimento em si não é desenvolvimento orgânico, mas uma estrutura que depende do equilíbrio entre o organismo e o meio. O desenvolvimento orgânico não é mais considerado separadamente da aquisição, isto é, a construção de processos cognitivos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CASTORINA, J. A. et alii. **Piaget e Vygotsky: novas contribuições para o debate.** São Paulo: Ed. Ática, 2001.

COLL, C. **Aprendizagem escolar e construção de conhecimento.** Porto Alegre, Artmed, 1994.
ELKONIN, D. B. **Psicologia do jogo.** São Paulo: Martins Fontes, 1998.

PIAGET, J. **Psicologia e Epistemologia: Para uma Teoria do Conhecimento.** Rio de Janeiro, Florence. Universitária, 1972.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores.** São Paulo: Martins Fontes, 1998.

WADSWORTH, B. J. **Inteligência e afetividade da criança na teoria de Piaget.** 48. Ed. São Paulo: Pioneira, 1996.